



Etnoconhecimento de Paisagens Pré-colombianas e Contemporâneas: uma perspectiva para o turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea-AM



ANE KAROLINE ROSAS BRITO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Orientador: Carlos Augusto da Silva

Coorientadora: Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe

MANAUS-AM
2022

ANE KAROLINE ROSAS BRITO

Etnoconhecimento de Paisagens Pré-colombianas e Contemporâneas: uma perspectiva para o turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea-AM

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Maria Teresa Gomes Lopes

Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Jozane Lima Santiago

Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Jaisson Miyosi Oka

Universidade Federal do Amazonas

MANAUS-AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B862e Brito, Ane Karoline Rosas
Etnoconhecimento de Paisagens Pré-colombianas e Contemporâneas: uma perspectiva para o turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea-AM / Ane Karoline Rosas Brito . 2022
74 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Carlos Augusto da Silva
Coorientadora: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Paisagens. 2. turismo. 3. sustentado. 4. preservação. 5. conservação. I. Silva, Carlos Augusto da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Dedico

*Aos povos pré-colombianos e contemporâneos
confeiteiros de paisagens na Amazônia, região
que foi e é uma maternidade de provisão de vidas
nas águas, nas terras e nas florestas.*

AGRADECIMENTOS

Ao Suntuoso Poderoso Senhor do Cosmos, verdadeiro artífice de paisagens, que me possibilitou a caminhada de luz para o enfrentamento do grande túnel do tempo, imposto aos enfrentamentos da vida em sociedade.

Ao Sr. Carlos Augusto da Silva, que contribuiu comigo no processo de orientação, durante a qual me demonstrou os *banzeiros* ou os treme-tremes das águas, das florestas, que são úteros ou maternidades de vidas nesses campos complexos de saberes da Amazônia.

À minha coorientadora, Professora Doutora Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, que me acolheu para participar a título de voluntária no Núcleo de Socioeconomia – NUSEC, em 2017, de modo que admiro sua profunda generosidade e lhe agradeço por me ter informado a trilha, ou melhor, o remo humano anfíbio da ilha do saber.

Aos meus genitores, Juarez Soares Brito e Francisca Pereira Rosas, por segurarem em minhas mãos na caminhada temporal, cujos primeiros passos foram rumo à escola, onde os *aparelhos* ou os sistemas me mostraram a carretilha para surfar na onda da vida social. Mas foi na escola que conheci o grande amor da minha vida, meu marido Eduardo Spencer Ribeiro de Souza; e dessa conexão nasceu a minha paixão, minha filha Amanda Spencer Brito de Souza.

Também não poderia deixar de registrar os(as) parceiros(as) acadêmicos(as), aqui listados em ordem alfabética: Gislany, Jaisson, Jandelin, Márcia, Mônica, Nathaly, Vinícius, que atuam no Laboratório Socioambiental, além dos(das) parceiros(as) Ademar, Alberlane, Sebastião, do Instituto Acariquara.

Aos professores Cloves Farias, Henrique Pereira, Jozane Santiago, Maria Teresa Gomes, Anderson Mathias, Neliton Marques, Maria Olívia pelo conhecimento.

A todos os colegas da turma de mestrado 2020, pois fomos cruelmente afetados pela Covid-19, mas o artífice, o bom Deus, nos colocou nos trilhos acadêmicos. Fico grata por todos. Meus sinceros votos de gratidão!

Por debaixo de um exemplar de jauari, na subida das águas no templo do igapó, em que o poraquê com seus olhos brilhantes fazia seus balés em busca de alimento na paisagem humanizada. E os olhos projetavam luzes ultravioleta nas flores do tarumã formando cores violeta e acinzentadas, onde as abelhas e as borboletas anunciavam os banzeiros das águas, nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro, fazendo ou pintando de cores escuras as raízes e as hastes da floresta coletivamente cultivada por humanos e animais. São os coloridos das vidas. (Ane Karoline Rosas Brito, 2022).

RESUMO

O escopo desta dissertação de mestrado foram as paisagens elaboradas por milhares de anos pelo próprio meio ambiente e pelos povos que interagiram na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea. De início, fazem-se breves considerações em relação à Amazônia, cujo ponto de partida é a margem esquerda da foz do Rio Xingu. É a partir desse marco que há a influência das marés, ou seja, a cada vinte e quatro horas, há a subida e a descida das águas, de forma que há sensíveis mudanças paisagísticas, às quais, entretanto, tanto os povos quanto as diversidades de animais estão ligeiramente acostumados. Já a partir de Santarém, não há mais a interferência da maré, mas sim desse marco até a Tríplice Fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia predominam as estações de sazonalidade. Nesse cenário de águas, fez-se a escolha de pesquisar as paisagens da Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea, no Estado do Amazonas, sob o intento de realizar o inventário das paisagens pré-colombianas e contemporâneas. A ferramenta que se utilizou foram os estudos realizados em níveis pré-colombianos e contemporâneos, além da etapa de campo. Após a revisão da literatura, evidenciou-se que os povos que manejaram os rios, lagos, paranás, furos e áreas de interflúvios eram hábeis nos manejos florestais, cujos resultados hoje talvez se reflitam nas paisagens de formação de *terra preta* associadas às diversidades de plantas. Durante as etapas de campo realizadas nas comunidades de São José e São Francisco, foram inventariadas quatro características de paisagens: a) paisagens geradas pelos eventos de cheia e seca do rio; b) paisagens construtivas de cercas verdes, em que são utilizadas madeiras típicas de várzea; c) paisagens de igapós nos meses de fevereiro a março, quando a superfície da água fica enfeitada de flores e de mururus; d) paisagens de solo de terra preta. Quanto às trilhas percorridas, foram seis: a) de acesso ao igapó para coletar sementes; b) de ida ao roçado para cultivar a agricultura de seis meses; c) de acesso ao rio Amazonas, o qual na seca fica a cerca de 1km de distância em relação às residências; d) de afogamento da mandioca; e) de coleta da argila para erguer a estrutura do forno de torrar farinha; f) de levantamento da plataforma de madeira para o acesso às residências nos meses de abril a julho. Conclui-se que as articulações entre os comunitários são saudáveis e importantes para a preservação e a conservação das paisagens e que as características etnogeográficas da região são propícias à prática do turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea.

Palavras-chave: Paisagens; turismo sustentado; preservação; conservação.

ABSTRACT

The scope of this master's dissertation walked through the landscapes created for thousands of years by the physical environment and also by the people that interact in the environment of the Island of Terra Nova. However, before that, brief statements are made in relation to the Amazon. Here, comments are made from the mouth of the Xingu River, on the left bank. It is from this point that there is the influence of the tide, that is, every twenty-four hours, there is the rise and fall of the waters, in which there are sensible landscape changes, however, both peoples with the diversity of animals are slightly used to to the tidal environment. From Santarém, however, there is no longer any interference from the tide, and down to the triple borders between Brazil, Peru and Colombia, seasonal seasons predominate. So in this game of waters it was the choice to research the landscapes that there is on the Island of Terra Nova in Careiro da Várzea in the state of Amazonas. For the purpose, the following objective was traced in carrying out an inventory of pre-Columbian and contemporary landscapes. The tool used was to verify the studies carried out at pre-Columbian and contemporary levels and also the field part. After reviewing the literature, it became clear that the people who managed the rivers, lakes, Paraná, boreholes and interfluvial areas were skilled in forest management practices,

perhaps the results today are the terra preta formation landscapes associated with diversities of plants. In the field stages carried out in the communities of São José and São Francisco, four characteristics of landscapes were inventoried, which are: a) landscapes generated by the flood and drought events of the river; b) constructive landscapes of green fences, in which typical floodplain woods are used; c) landscapes of igapós in the months of February to March the water surface is covered with flowers and murerus; d) landscapes of terra preta soil. When there were six trails, they were: a) access to the igapó to collect seeds; b) to go to the swidden to cultivate agriculture for six months; c) access to the Amazon River, in the dry season they are about one km away from the residences; d) to drown the cassava; e) to collect the clay to build the structure of the flour toasting oven, and the last one is f) to build a wooden platform for accessing the residences in the months from April to July. And, it is concluded that the systems of articulations between the communities are healthy and important for the preservation and conservation of the landscapes and by chickens dialogues can be made viable for sustainable tourism.

Key words: Landscapes; tourism; sustained; preservation; conservation

LISTAS DE FIGURAS

Figuras - 1 e 2. Paisagens formadas por ações naturais e antrópicas nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro-----	25
Figuras - 3 e 4. Complexos de paisagens nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro--	36
Figuras - 5 e 6. Atividade de modelar paisagens para a contemplação social-----	38
Figuras - 7 e 8. Projeções de estruturas do etnoconhecimento-----	43
Figuras - 9 e 10. Possíveis experimentos sazonalmente realizados pelos gêneros masculino e feminino na Ilha de Terra Nova-----	44
Figura - 11. Representação da percepção das paisagens na Ilha de Terra Nova-----	49
Figuras - 12 e 13. Botas produzidas artesanalmente por comunitários no município de Humaitá-Amazonas-----	59
Figuras - 14 e 15. Plataforma de madeira erguida para o acesso às residências e serviços públicos-----	61
Figuras - 16 e 17. Paisagens produzidas por saberes ancestrais e conservadas e protegidas por pescadores e agricultores-----	65
Figura - 18. Frutos de jenipapo cultivado paralelamente à trilha-----	71

GRÁFICOS

Gráfico - 1. Ações socioambientais em relação às tratativas das paisagens pelos moradores na Ilha de Terra Nova-----	48
Gráfico - 2. Uso e função das trilhas-----	69

MAPAS

Mapa - 1. Configuração da Ilha de Terra Nova-----	24
Mapa - 2. A complexa paisagem da Ilha de Terra Nova-----	41
Mapa - 3. A área de pesquisa – Comunidades São Francisco e São José-----	63

SUMÁRIO

Introdução Geral-----	13
Referências-----	15
1. Objetivo Geral-----	16
1.2. Objetivos Específicos-----	16
Capítulo I. As paisagens nos encontros dos rios Amazonas-Solimões e Negro-----	17
Resumo-----	17
I. Introdução-----	18
II. As paisagens nos abraços dos rios onde os povos registram suas histórias de vidas-----	19
III. Histórico de convenções sobre as mudanças climáticas-----	19
IV. A área de pesquisa-----	23
IV. I. Breve histórico do Município de Careiro da Várzea-----	26
V. Material e Método-----	27
VI. Resultados e discussões-----	28
VII. Considerações-----	29
VIII. Referências-----	30
Capítulo II. As características das paisagens e a importância para a preservação ambiental na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas-----	33
Resumo-----	33
I. Introdução-----	35
II. Característica do ambiente na Ilha de Terra Nova-----	37
II.I. Panorâmica das paisagens-----	38
II.II. A área de estudo-----	40
II.III. Material e Método-----	40
II.IV. Do inventário paisagístico-----	41
III. Resultados e Discussões-----	43
IV. Considerações finais-----	50
V. Referências-----	51
Capítulo III. As perspectivas das trilhas e paisagens para o turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas – Brasil-----	54
Resumo-----	54
I. Introdução-----	55
II. O turismo e as facetas sociais e ambientais na Amazônia-----	56

III. Os aspectos sociais e ambientais-----	56
III. I. Breve síntese do turismo na Amazônia-----	60
IV. A área de estudo-----	61
IV. I. Material e Método-----	63
IV.II. Do inventário paisagístico de trilhas de acesso aos lagos e roçados nas comunidades São José e São Francisco, na Ilha de Terra Nova-----	65
V. Resultados e Discussões-----	67
VI. Considerações finais -----	70
VII. Referências-----	71
Considerações Finais-----	73

O sucesso nasce do querer, da determinação e da persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculo no mínimo fará coisas admiráveis. (José de Alencar 1829 – 1877)

Introdução Geral

Os primeiros viajantes que se aventuraram a descer ou subir o Rio Amazonas descreveram aparentemente que depararam com o balé das águas, cenário em que árvores flutuavam, garças e gaivotas estavam assentadas nas hastes ou nas ramas olhando a água, em busca de pequenos peixes, ou seja, ao mesmo tempo que buscavam o alimento, surfavam na correnteza da água de cor de suco de bacaba.

Nas margens do Amazonas-Solimões as paisagens verdes são compostas por centenas e milhares de exemplares de *cacau*, de *açaí*, de *jauari*, de *murumuru* etc.; já no topo da planície estão as frondosas árvores de castanheiras, de *uxis*, de *andiroba*, de *copaíba*, etc. Essas paisagens encheram os olhos dos viajantes, o que é possível perceber na Carta de Pero Vaz de Caminha em 1500:

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. (CAMINHA, MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/.pdf>.)

Na carta, podem-se observar algumas das características recorrentes do tratamento do ambiente dado pelos povos que estavam na Amazônia, onde hoje é o território brasileiro. Havia a formalidade de usar a mãe-terra para recolher os recursos necessários e, em simultâneo, realizar mitigação ou compensação ambiental. Ainda hoje, numa viagem subindo ou descendo o rio Amazonas, nos barcos regionais que fazem os transportes de cargas e passageiros entre as cidades do Amazonas e do Pará, é comum o embarque de milhares de volumes de produtos como castanha, jerimum, *açaí*, bacaba, pupunha etc. Assim, após quase 600 anos da carta de Pero Vaz de Caminha, e depois de 480 anos de a expedição de Francisco Orellana (Carvajal, 2021) ter descido o rio Amazonas, mesmo assim ainda há uma gigantesca agroflorestal cultural, e tudo indica que foi cultivada pelos povos que estavam na Amazônia, nos últimos milênios (Neves, 2022).

A história dos povos que estavam na Amazônia tem longa data, de forma que, na acepção de Neves (2022), à medida que as pesquisas arqueológicas avançam, vão-se evidenciando habilidades realizadas pelos povos indígenas. No Estado do Acre, devido à supressão da floresta para pastos de bovinos, foram identificadas várias estruturas no solo contendo icnografias geométricas, erguidas possivelmente por vários indivíduos, talvez com o objetivo de atender às possíveis demandas sociais de várias ordens. Certo é que as estruturas são procedimentos de registros que narram possíveis comportamentos socioambientais que refletem como conviver na floresta. No *Manual de Etnobotânica* estudos realizados por acadêmicos e cientistas indígenas no alto rio Negro no Amazonas apontam o reconhecimento de plantas a partir de longas vivências, que são as paisagens elaboradas por meio dos costumes ancestrais:

Estudos realizados com paisagens, plantas, peixes, agrobiodiversidade e lugares sagrados são amostras de que, na bacia do rio Negro, e de modo mais geral, em toda a Amazônia, os ecossistemas e a biodiversidade são resultantes não somente da história geológica, natural, com suas variações locais de clima, solo, relevo, vegetação, mas também das relações econômicas, da estrutura social, da história de ocupação e manejo e, por sua vez, expressam a visão de mundo e cosmologia das populações humanas que aí se estabeleceram ao longo do tempo. Quando miradas sob essa perspectiva, plantas, paisagens e ecossistemas do Rio Negro ganham novos contornos, diversificam-se, dinâmicas socioambientais são reveladas, assim como narrativas sobre a origem, evolução e convívio nessas paisagens. Como resultado, pode apontar para os princípios que resultaram no alto grau de sustentabilidade da ocupação humana na região, oferecendo inspirações e quadros conceituais mais elaborados acerca de meios apropriados de gestão integrada destes ecossistemas, para as atuais e futuras gerações (CABALZAR *et al.*, p. 24).

A confecção de paisagens na Amazônia pelos povos indígenas pré-colombianos e contemporâneos – inscritas nas rochas, nas florestas de igapós, de várzeas e de terra firme – podem funcionar com um pêndulo do tempo, em que os movimentos são gestados por meio de experimentos desses povos das águas e das florestas, que em certa parte sofrem influências das marés, ou seja, a partir da margem esquerda do rio Xingu, a cada vinte quatro horas, está seco ou está cheio.

Na Ilha de Terra Nova, por sua composição geográfica literalmente serpenteada pelas águas do rio Amazonas, onde esta pesquisa de dissertação foi realizada, as paisagens são elaboradas a cada movimento da sazonalidade que ocorre na Ilha, mas o dado significativo são os etnoconhecimentos perpassados de gerações a gerações, pois as paisagens em cada estação nascem e depois de seis meses são reunidas em uma só pelas movimentações das águas. Nesse sentido, dividiu-se o estudo em três capítulos, além desta introdução. Mas antes se esclarece ao

leitor que as categorias como comunidades, pescadores, pescadoras, agricultores e agricultoras estão presentes ao longo dos capítulos; e, seguindo a linha de raciocínio de José de Alencar, são persistentes na convivência nas águas.

O primeiro capítulo I – As paisagens nos encontros dos rios Amazonas-Solimões e Negro – reporta-se sumariamente aos contextos da composição das paisagens, que podem estar associadas ao processo de mobilidade que ocorre ao longo de milênios, em que as formações estão constituídas pela geologia; e mais os comportamentos socioambientais nos abraços dos rios; no capítulo II – As características das paisagens e a importância para a preservação ambiental na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea, Amazonas –, estão as formalidades ou o tratamento dispensado ao ambiente pelos comunitários, o que segue uma linha do tempo cujo relógio agroecológico funciona pelo movimento da sazonalidade. É nesse momento que são realizados os cultivos, os quais os agricultores familiares classificam de “agricultura de seis meses”; é nesse ínterim que são equacionados os preparativos para as limpezas dos roçados e as introduções de sementes diversas; já no capítulo III – As perspectivas das trilhas e paisagens para o turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas, Brasil – se buscou descrever os preceitos de como as trilhas culturais são espécies de etnoglossários, que são precedidos de comportamentos projetados pelos movimentos das águas de modo que, por meio de diálogos entre as comunidades e o poder público, possam constituir uma alternativa para o turismo sustentado.

Por fim, pelas somatórias de características capturadas durante a parte de campo, conclui-se que os moradores das comunidades de São José e São Francisco, alocadas no setor norte da Ilha de Terra Nova, ao longo do tempo vêm discorrendo sobre o saber com base em preceitos pedagógicos, representados por seus costumes de usarem os remos, as zagaias, as flechas, as enxadas para o preparo do solo e para a produção de alimentos necessários à vida de todos – homens, mulheres, crianças e idosos –, além do fato de, durante a subida das águas, as áreas de roçados se transformarem em berçários, assim podem ser contempladas como eco útero¹, no qual as novas vidas surgem regradas de cheiro de flor de tarumã!

Referências

CAMINHA, Pero Vaz de. A carta. MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/.pd>. Acesso em: jul. 2022.

¹ Retirado de palestra proferida por Carlos Augusto da Silva, na SBPC, em 2021.

CARVAJAL, Frei Gaspar de. Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamada Maranhão. Trad. UGARTE, Auxiliomar Silva. Manaus: Editora Valer, 2021.

CABALZAR, Aloisio; *et al.* (Org.). Manual de etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2017.

NEVES, Eduardo Góes. Documentário em 4 episódios: ARQUEOLOGIA DA FLORESTA. Disponível em: <<https://sesctv.org.br/programas-e-series/amazonia/>>. Acesso em: jul.2022.

1. Objetivo Geral

Realizar o inventário das paisagens pré-colombianas e contemporâneas na Ilha de Terra Nova, no município de Careiro da Várzea-AM.

1.1. Objetivos Específicos

- ✚ Compreender e quantificar os tipos de paisagens existentes em áreas de usos dos pescadores e agricultores familiares na Ilha.
- ✚ Descrever se as formações são naturais ou culturais e a importância para a preservação ambiental.
- ✚ Avaliar os indicadores das paisagens/trilhas em seus aspectos culturais ou administrativos para a atração do turismo sustentado.

Capítulo – I. As paisagens nos encontros dos rios Amazonas-Solimões e Negro

Resumo

O âmago deste capítulo consiste em uma discussão em relação à Ilha de Terra Nova, localizada no município de Careiro da Várzea – AM, visando caracterizar as suas paisagens naturais e culturais. O caminho metodológico que a pesquisa seguiu foi de cunho bibliográfico e de campo, de modo que foi feita a seleção de livros e artigos que discutiram a Amazônia e o campo. Os resultados e as discussões mostram que, apesar de haver uma vultosa quantidade de publicações em relação aos seus aspectos sociais, culturais etc., ainda há um grande vazio de entendimento sobre a região, pois a Amazônia tem uma longa história de populações humanas que transformaram as florestas, as terras e as águas em paisagens culturais. Conclui-se que, em relação ao turismo, que será o tema da dissertação, as publicações demonstram que sua exploração ainda se encontra em estado insipiente.

Palavras-chave: Paisagens; agroflorestas culturais; comunidades.

Abstract

The core of this article consists of a discussion in relation to the Terra Nova Island, located in the city of Careiro da Várzea – AM, in order to characterize its natural and cultural landscapes. The methodological path that the research followed was of a bibliographic nature, so that the selection of books and articles that discussed the Amazon was made. The results and discussions show that, despite the large number of publications in relation to their social, cultural aspects, etc., there is still a great void of understanding about the region, as the Amazon has a long history of human populations that have transformed forests, lands and waters in cultural landscapes. It is concluded that, in relation to tourism, which will be the theme of the dissertation, the publications demonstrate that its exploration is still in an incipient state.

A invenção do hoje é o meu único meio de instaurar o futuro.
Clarice Lispector (1920-1977).

I. Introdução

A Amazônia, um labirinto que às vezes é intrigante, é iminentemente tricotada como as estampas existentes na carapaça da tartaruga-da-amazônia, que, no dizer de Clarice, é pura invenção para planejar o futuro, constituída na verdade por rios, lagos, paranás, furos e canais que formam os imensos mosaicos, em que os ziguezagues são os *ecos* que integram os mapas das vidas. Esses mosaicos têm levantado questionamentos da ciência nos últimos cinco séculos de ocupação da sociedade ocidental (a europeia) a respeito das diversas paisagens existentes, ora pelas ações naturais, ora pelas intervenções antrópicas. Nas paisagens naturais, os rios formam quadros esplêndidos desde a nascente do Rio Amazonas, nas cordilheiras dos Andes, até a sua junção com o Oceano Atlântico.

Nesse percurso de milhares de quilômetros estão os desenhos de paisagens que, a cada seis meses, ou a cada vinte quatro horas, são pintadas pelas mãos invisíveis do tempo, o que, na acepção de Tocantins (2000), simboliza água que leva e traz os eventos das vidas. Essas paisagens foram alvos de descrições por notáveis olhares como os de Carvajal, [1542], 1994; Acuña [1637-39], 1994; La Condamine, [1775], 1994; Ferreira [1783], Lopes de Aguirre [1560-1561], Uguart, 2009; Daniel [1785], 2006; Wallace [1854], 1994; Sampaio [1774-75], 1825) e outros, que fizeram densas descrições (Geertz, 1989) em relação às suas paisagens naturais e culturais. Aqui, cita-se a percepção do cientista Charles-Marie de La Condamine [1701-1774], no livro *Viagem na América Meridional – Descendo o Rio das Amazonas*, o qual descreve que:

Em São Paulo de **Olivença**, (grifo nosso) e em Tefé tivemos intérpretes portugueses que falavam a língua do Brasil, semelhante introduzido em todas as missões portuguesas; mas não podendo achá-los em Coari, aonde não pudemos chegar, malgrado todo nosso esforço, senão após a partida do missionário para o Pará, vimos no meio dos índios sem que pudéssemos conversar a não ser por sinais, ou com a ajuda dum curto vocabulário que eu tinha feito de perguntas escritas em sua língua, e que infelizmente não continha as respostas. Não deixei de tirar deles alguns esclarecimentos, sobretudo para os nomes dos rios. Notei também que eles conheciam diversas estradas fixas, e que davam nomes de animais de diversas constelações (LA CONDAMINE, 2000, p.86).

O franciscano padre Gaspar de Carvajal, 1542, também descreveu que, em algumas povoações, chegou a perceber a existência de estradas ligando a margem do rio ao centro da floresta. Depois de 232 anos La Condamine registrou essas possíveis “estradas”, então essas estradas edificadas nos ecossistemas de várzeas ou em terras firmes talvez sejam, hoje, as

constelações paisagísticas pelas diversidades de árvores que estão nas margens dos rios e em interflúvios, nos 62 municípios que compõem o Estado do Amazonas. As infinidades de espécies de árvores hoje funcionam como um grande reservatório de sementes e de alimentos, não só para os povos, mas também para os animais e peixes que compõem tríades nos ecossistemas supracitados.

O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, na *Viagem Filosófica*, quando chegou ao alto rio Negro, em 1786, destaca que em certas mediações percebeu que os povos indígenas realizavam o cultivo de uma série de plantas em torno das malocas, e o solo tinha uma coloração escura, que ele definiu como *solo de jardins*; e também, numa área de praia do rio, identificou alguns artefatos confeccionados de material rochoso; La Condamine, quando descia o rio Amazonas-Solimões, nas mediações onde hoje estão os municípios de Tabatinga e São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil, registrou que os índios utilizavam látex de seringueira (*Hevea brasiliensis*) para fazer galochas e encerados no afã de proteger produtos perecíveis em longos deslocamentos. Lopes de Aguirre informa que as correntezas do rio formavam jangadas de infinidades de árvores que se juntavam aos capins, de forma que o verde do capim amarelado-acinzentado das madeiras formava ilhas móveis, e os mergulhões (*Mergus octosetaceus*), garças (*Ardea*), gaivotas (*Phaetusa simplex Gmel.*) etc. desciam o rio como se estivessem realizando uma longa viagem, mas na verdade estavam buscando os alimentos, cuja base eram pequenos peixes.

Este capítulo estruturou-se em três partes. A primeira uma síntese das paisagens nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro; a segunda consiste em breve histórico em relação às problemáticas ambientais; e, por fim, na terceira, trata-se da área de pesquisa, resultados e discussões.

II. As paisagens nos abraços dos rios onde os povos registram suas histórias de vidas

Na literatura há diversas publicações em relação aos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro, e uma delas é em relação aos seus aspectos geológicos. Na acepção de Franzinelli (2011), nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro, a formação está sob a denominação de depósitos das fases *Quaternária, Solimões e Alter do Chão*. Quanto à Ilha de Terra Nova, sua formação provém do Holoceno, período em que se inicia a formação da Ilha, hoje denominada de “Terra Nova”, pois, nas vozes dos moradores da ilha, a cada estação de

cheia e seca, há novas junções de novas áreas, ou também outras são diluídas pelas correntezas que há nos braços dos rios.

A primeira fonte em que se descrevem as paisagens da Ilha de Terra Nova vem da viagem de Francisco Orellana, que desceu o rio em 1542, e da crônica descrita pelo frei Gaspar de Carvajal (2021), que narra as extraordinárias atividades dos povos indígenas, que mantinham mobilidades bastante intensas nas margens do rio Amazonas e seus tributários. Uma das narrativas aponta que o processo de deslocamento era feito de caminhos rumo aos centros das florestas, os quais eram muito limpos. As aldeias em formatos simétricos estavam ao longo das margens do rio, e havia plataformas ou ancoradouros para a acessibilidade às aldeias.

Em junho de 1542, quando a expedição chegou aos abraços dos rios, deparou com aldeias indígenas distribuídas tanto na parte norte quanto no sul da Ilha. Então Francisco Orellana ordenou que a expedição fizesse uma parada para solicitar alimentos junto aos indígenas, pois o estoque a bordo estava reduzido. Na crônica, relata que os indígenas tinham estoques de alimentos. Vale salientar que o mês de junho é o período de alta estação da cheia do rio Amazonas-Solimões nessas mediações da Amazônia Central. E, se os indígenas estavam com estoque de diversos alimentos, eram pistas de que haviam desenvolvido sistemas de agroflorestas importantes para suprir a dieta alimentar durante a estação de cheia. Foi numa das aldeias que foram confiscados alimentos para suprir a expedição a fim de continuar a viagem até o Oceano Atlântico.

Frei Gaspar de Carvajal descreve que havia abundância de peixes na Ilha de Terra Nova e variedades de frutas. Em 1950, o geógrafo Sternberg (1998), em seu livro *A Água e o Homem na Várzea do Careiro*, fez uma grande linha do tempo-lugar (Tuan, 2013), que foi realizada por meio de densos registros fotográficos e descrições da subida e descida das águas na Ilha do Careiro da Várzea. Os detalhes mostravam como os povos que eram acostumados com os movimentos das águas lidavam com estas, enquanto outros – as diversas famílias que buscavam refúgios no Norte do Brasil devido à forte seca que assolou o Nordeste brasileiro na segunda metade do século XIX – não tinham nenhuma habilidade para conviver com esses ciclos de águas.

Por esses motivos, na Ilha de Terra Nova, a partir desse período, houve uma nova investida nas atividades de trabalho, com a produção de agroflorestas em plena área úmida, o que, segundo Sternberg (1998), foi desenvolvido tanto pelos povos recém-chegados quanto por

aqueles que já praticavam os processos de deslocamento na Ilha. Uma das habilidades que foi muito bem descrita foi a de como obter tanta água durante seis meses na cheia do rio, visto que, no período da vazante, os moradores não tinham sequer a água potável para beber, assim a emergência consistia em abrir as “cacimbas”, que são pequenas fontes de águas nas áreas de praias do rio (Tocantins, 2000). Assim, os moradores faziam de tudo para que as águas obtidas fossem de boa qualidade para as atividades do cotidiano e também para os animais que eles criavam.

E outras tantas atividades foram descritas por Sternberg, que deixam seu leitor como se estivesse no interior das paisagens da ilha; por exemplo, quando inicia a marcha da subida das águas, em que os lagos começavam os balés de inundações, em que as centenas e milhares de *aningas*, os *aguapés*, a conhecida vitória-régia (*Victoria amazonica*) formavam uma espécie de maromba orgânica; e, por baixo desses conjuntos, lá estavam os jacarés (*Caiman crocodilus crocodilus*), os tamuatás (*Hoplosternum littorale*), os bodós (*Pterigoplichthys pardalis*), os pirarucus (*Arapaima gigas*), os tambaquis (*Colossoma macropomum*) (Santos; Jansen; Zuanon, 2009) etc. E assim o autor demonstra que cada grupo humano que colonizou a ilha deixou na terra, na floresta, na água sua arranhadura, ou seja, a sua história de vida. Foi numa dessas arranhaduras que Sternberg identificou algumas áreas de solo de *terra preta*, recolheu alguns artefatos e, por meio de datação de carbono C¹⁴, acusou datas entre 2000 e 1000 anos depois de Cristo, ou seja, a ilha na verdade tinha uma paisagem de pegada cultural e identitária humana pré-colonial, que em parte foi ofuscada².

Assim, conforme a assertiva com base no pensamento filosófico chinês de Confúcio, “A natureza dos homens é a mesma; são os seus *hábitos* que os mantêm separados” (LARAIA, 1996, p.10). Nessa linha de raciocínio as paisagens da Ilha de Terra Nova foram e são bordadas a partir de costumes dos povos que se utilizam dos recursos naturais em seus tempos-espacos para transformarem as paisagens, a partir dos seus costumes ou das suas habilidades de como estar na água, na floresta, na terra de várzeas, que são monumentos ora visíveis, ora submersos e cuja mobilidade se dá por meio do artefato de canoa, que faz intercomunicação dos homens, mulheres, jovens, crianças e idosos, na pesca, na coleta de frutos³. Na sequência, uma síntese

² “Os entraves ao desenvolvimento da cultura intelectual no Brasil se opunham à administração lusitana e faziam parte do firme propósito de impedir a circulação de ideias novas que pudessem pôr em risco a estabilidade de seu domínio” (HOLANDA, 1995, p.21)

³ “A coleta de frutas de palmeiras, como o açaí, o buriti, o patauá, a bacaba e outras que, amassadas e misturadas à água, se transformam em bebidas alimentícias, ricas em proteínas, lipídios e vitaminas, ensejou o aprimoramento da cestaria, o uso de cuias e da cerâmica, o que talvez explique a precocidade do aparecimento desta última na Amazônia” (FRAXE, 2011, p. 34).

histórica de quando as Nações Unidas iniciaram a esteira de metas no sentido de utilizar os recursos ofertados no meio ambiente, de forma que sejam utilizados pelos povos do presente, mas também que sejam transferidos para as futuras gerações humanas e para todos que coabitam no planeta Terra.

III. Histórico de convenções sobre as mudanças climáticas

Antes de descrever sumariamente os objetivos das convenções em relação ao uso comum dos recursos naturais pelos países desenvolvidos, far-se-á uma breve retrospectiva histórica, pois, durante as revoluções industriais que perduraram por quase 300 anos, houve crescimento das nações que se desenvolveram por meio de usos predatórios dos recursos naturais, porém, a partir do desenvolvimento da ciência moderna, iniciou-se outro caminho, demonstrando que o uso irracional dos recursos levaria à crise, já que “[...] começavam a aparecer os efeitos maléficos da Revolução Industrial, como o desemprego, a pobreza e as doenças [...]” (FEIL, 2017, p.2), então, a partir desse iminente sufoco, as nações desenvolvidas iniciaram outros focos, ou seja, iniciaram novos caminhos em busca de abundâncias de recursos naturais. Foi assim que as nações do Norte chegaram ao Atlântico Sul, ou seja, ao Novo Mundo, porém as práticas dos mesmos *hábitos* culturais predatórios se mantiveram, não só em relação aos recursos ambientais, mas também quanto aos povos, que foram utilizados como mão de obra escrava⁴.

A partir de 1970, com a crise ainda mais prestes a ser deflagrada, iniciaram-se outras intervenções dos países ricos em relação aos países em processo em desenvolvimento, de forma que se postulava que os recursos naturais teriam de ser utilizados com parcimônia, ou seja, com a utilização dos recursos pensando nas futuras gerações, como a seguir se pontua.

Então, pode-se dizer que o marco ou uma tentativa do uso racional dos recursos naturais no planeta Terra encontra-se no pêndulo do tempo ancorado em 1950, quando o ser humano começa a ser notificado pelas mudanças do meio físico, em que a poluição nuclear era risco iminente à humanidade pelo fato de que todos estavam embarcados na mesma nave (Nascimento, 2012). Foi talvez por essa razão que as nações começaram uma corrida para

⁴ “Não seria para admirar se isso se desse durante sua demora de mais de um semestre em Porto Feliz, distrito onde fora numerosa a mão de obra indígena e onde, segundo se lê nas Reminiscências do velho Ricardo Gumbleton Daunt, em princípios do século passado” (HOLANDA, 1995, p.130).

alimentar o desejo de equilibrar o usufruto dos recursos naturais. Por esse motivo, em 1972, houve a reunião de Estocolmo, cujo foco tinha dimensão ambiental e social.

Na ambiental a reunião tentava planificar o discurso numa tentativa de demonstrar que os sistemas agressivos produzidos pelas indústrias prejudicavam o meio ambiente e, assim, a vida do planeta; por outro lado, no aspecto social, mostrava que havia discrepâncias entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento, ou “subdesenvolvidos do terceiro mundo” (NASCIMENTO, 2012, p. 53). Com base nessas discussões, a reunião criou metas para grupos de líderes mundiais encarregados pelas Nações Unidas – ONU – no sentido de que articulassem uma convenção, que ficou no marco histórico ambiental conhecida como “Cúpula da Terra” ou a Rio+20. A reunião foi sediada no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro, quando os líderes mundiais e mais algumas entidades culturais elaboraram uma premissa de usar de forma equilibrada o meio ambiente, daí surgiu a expressão *Desenvolvimento Sustentável* (DS), segundo a qual se deveriam usar os recursos naturais de forma que satisfizessem o presente e as gerações futuras.

E a expressão preconizava que a pobreza tinha um viés sociológico, ou seja, que os países em desenvolvimento ou do terceiro mundo deveriam, pois, investir em educação, em transportes, em habitações e em saúde; em relação ao meio ambiente, as nações teriam de diminuir o efeito estufa até ano de 2030. Mas as ciências vêm demonstrando que essas metas ambientais não têm sido cumpridas, ou seja, na contramão disso, estão os feitos desastrosos com que vários fenômenos naturais e antrópicos têm assolado os países de forma global, nacional e local. Feita essa consideração em relação ao desenvolvimento sustentável, o que, nas óticas de Nascimento; Tasso (2019), possa ser uma discussão talvez de caráter ideológico⁵, na sequência se descreve a área de pesquisa.

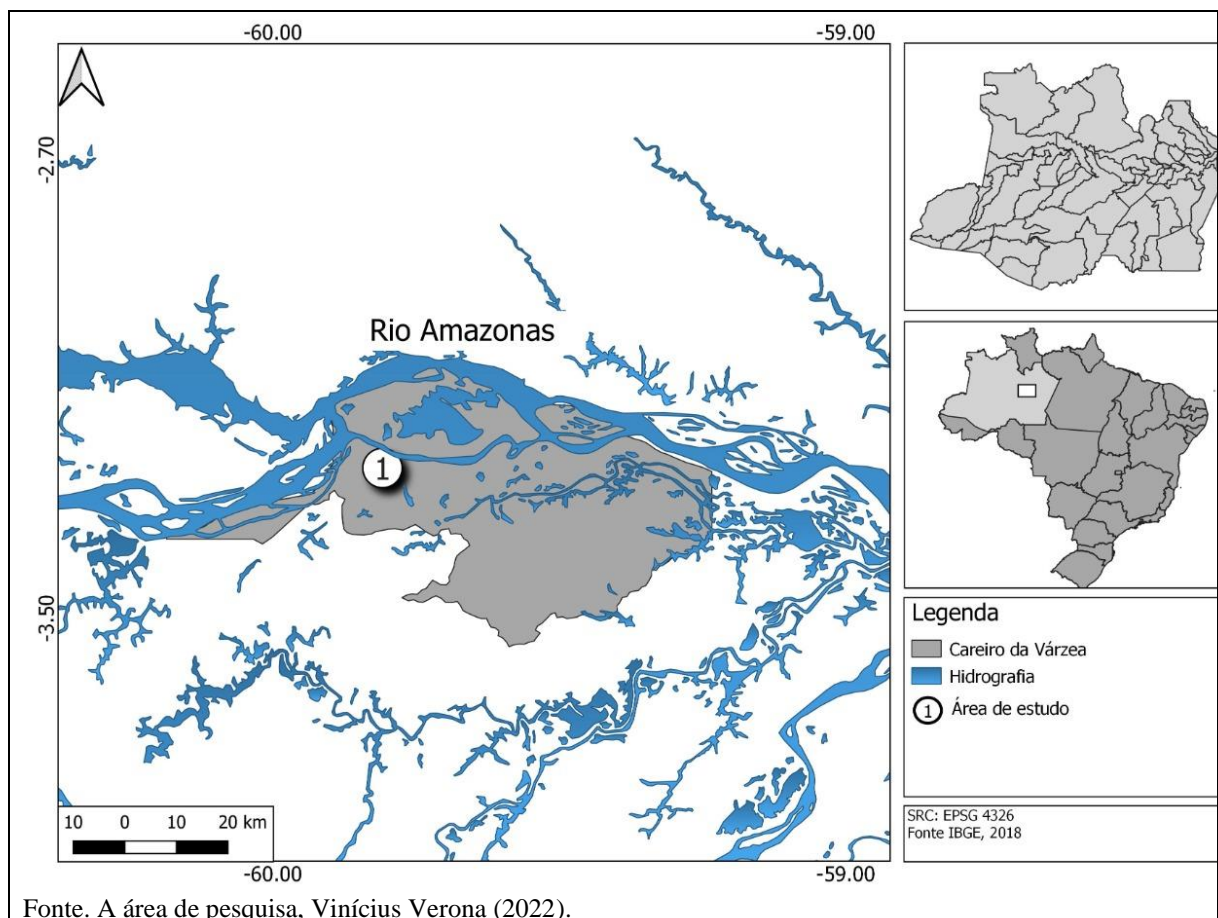
IV. A área de pesquisa

O Estado do Amazonas, pelas suas dimensões continentais, abrange labirintos verdes compostos de áreas de várzeas e de terra firme. As várzeas são áreas que geralmente inundam os lagos nos primeiros meses de subida das águas, o que geralmente ocorre nos meses de janeiro

⁵ “Ao término da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-24), na Polônia, em dezembro de 2018, o secretário geral da ONU, Antônio Guterres, chamou a atenção do mundo sobre os riscos de não tomarmos medidas mais assertivas para inflexionar os indícios de degradação ambiental, que se traduzem, entre outros, pela perda da biodiversidade, desaparecimento de países e crescimento dos eventos críticos (provenientes do aquecimento global) que resultarão em prejuízo de bilhões de dólares para a economia mundial. Sem falar das perdas e dos sofrimentos humanos” (NASCIMENTO; TASSO, 2019, p.142).

a fevereiro. Nesses ambientes há grandes variedades de frutos que alimentam os peixes, e consequentemente é o período em que esses animais iniciam o processo de engorda, pois, durante a seca, há escassez de alimentos. Os rios do Estado do Amazonas são infestados de ilhas que são contornadas por furos ou paranás. A premissa da pesquisa foi a de avaliar os conjuntos de paisagens na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea, no Amazonas. O mapa 1 mostra uma panorâmica do complexo paisagístico da ilha.

Mapa 1. Configuração da Ilha de Terra Nova



No mapa 1, podem-se ver as paisagens interessantes e importantes para manter equilibrados os ecossistemas existentes na ilha, pois os diversos estudos realizados nos últimos anos do século XXI vêm demonstrando que a interação entre o meio ambiente e os povos é regrada pelas subidas e pelas descidas das águas, e isso tem contribuído para uma longa história de estratégias de convívio na Ilha de Terra Nova, conservando e elaborando novas paisagens (Albuquerque, 2012).

O acesso à Ilha de Terra Nova somente pode ser feito via hidroviária, e a saída se dá do terminal do CEASA, na BR 319; nele há as lanchas a jato que fazem o percurso até a outra parte dessa rodovia, na margem direita do paraná do Careiro. Desse ponto, podem-se acessar outras lanchas a jato para se chegar à cidade de Careiro da Várzea (Moreira, 2017); e partir daí também, para chegar às comunidades, o percurso deve ser feito de lancha ou de canoa.

As figuras 1 e 2 demonstram os procedimentos que se realizou para o traslado até à comunidade de São Francisco, que fica na margem direita do rio Amazonas; nessa mediação há uma espécie de cortina de águas dos rios Amazonas e Negro, formando duas faixas; à direita estão as águas semelhantes à cor de suco de bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), pouco esbranquiçadas ou claras; a outra cortina tem águas negras, de cor muito parecida com o suco de açaí (*Euterpe oleracea*). Essa possível divisão foi observada pelo padre Gaspar de Carvajal, durante a expedição de Francisco Orellana em 1542, que se estendeu até a entrada do Lago do Aleixo. É nessas duas faixas que fica a área de pesquisa.

Figuras 1 e 2. Paisagens formadas por ações naturais e antrópicas nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro



Figura 1. Área dos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro; à direita de onde está a canoa, fica a Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea-AM. Foto. Ane Karoline Rosas Brito, mar. 2021.



Figura 2. Imagem aérea das cortinas formadas pelas águas dos rios Amazonas-Solimões e Negro. Ao fundo da imagem, o paraná de Careiro da Várzea. Foto. Ane Karoline Rosas Brito, abr. 2022.

As paisagens representadas nas figuras supracitadas são, na verdade, cenários característicos dos abraços dos rios Amazonas e Negro. A figura 2 é de pescador com seus arreios de pesca, que cotidianamente sai em busca da captura de peixes, os quais de dezembro a março geralmente transitam no sentido oeste-leste do rio, ou vice-versa. Tudo indica que essa prática de captura de peixes é ancestral, já que são capturados com planejamento; isso porque

se pretende preservar ou manter os estoques de proteínas do alimento da família⁶ sem, contudo, levar à escassez. A outra figura 3, de abril de 2022, é emblemática, visto que a Ilha se encontrava literalmente submersa, ou seja, as cortinas de cores dos rios da floresta formavam conjuntos de cenários arquitetados pelos povos, cujas vozes ou identidades líquidas ou sólidas (Bauman, 2002) estão presentes a cada momento do modo de vida tanto de humanos quanto dos animais na Ilha.

Portanto, para o deslocamento até a Ilha de Terra Nova, só há uma possibilidade, que é utilizar os transportes hidroviários, as pequenas embarcações que navegam pelos encontros das águas até às comunidades que atualmente povoam a Ilha; no caso desta pesquisa, foi nas junções de duas comunidades – São José e São Francisco. Na sequência, faz-se um sumário histórico do município de Careiro da Várzea.

IV. I. Breve histórico do Município de Careiro da Várzea

Em 1987, o Estado do Amazonas por meio do Poder Legislativo criou novos municípios. Na margem direita do Solimões-Amazonas, abaixo da foz do Rio Purus, foram criados alguns municípios, como foi o caso de Careiro da Várzea, que, por meio da Lei de n.º 1.828, de 30/12/1987, foi incorporado aos 62 municípios que compõem atualmente o Estado do Amazonas, com a sede municipal assentada na margem esquerda do Paraná do Careiro. Porém, em 1955, foi criado o município do Careiro Castanho (Sternberg, 1998); e, devido às cheias sazonais do rio Amazonas, a sede administrativa em 1977 foi transferida para a área de terra firme, localizada no km 102 da BR 319, na margem direita do Rio Castanho-Mirim. Antes da construção da BR-319, o deslocamento ao Careiro Castanho só era possível via fluvial, cujo fluxo era feito pelo Paraná de Manaquiri até a sede municipal.

Registros etno-históricos, como foi a narrativa de frei Gaspar de Carvajal, em 1542, cronista da expedição de Francisco Orellana Carvajal (1941), descrevem que na Ilha de Terra Nova havia povos com grande mobilidade, pois desenvolveram sistemas de agroflorestas culturais⁷ para garantir a alimentação de humanos e de animais que interagem e interagem

⁶ “As famílias extensas mostram forte tendência a reprimir demonstrações de agressões e sexualidade, tentando instigar nas crianças o controle do impulso requerido para a coordenação grupal. Tal socialização não só prepara a criança para tornar-se membro permanente de um grupo já existente, como também estabelece as bases para os casamentos. Nesses casamentos, os novos casais constroem seu lar dentro do grupo duradouro. Já as famílias nucleares punem a agressão e a sexualidade com menor rigor, permitindo ao indivíduo um jogo mais livre de relações com os outros” (FRAXE, 2011, p.95)

⁷ “E, assim, nos dois ecossistemas de terra firme e de várzea, ocorreram intensas modificações em práticas agrícolas que remontam há milhares de anos na região” (SILVA; BRITO; FRAXE, 2020, p. 166).

atualmente na Ilha. Já no período colonial, o intendente e ouvidor Sampaio (1774-75), quando descia do Rio Madeira e subia o rio Amazonas, no sentido de desviar das fortes correntezas do rio, utilizou o Paraná do Careiro da Várzea, e durante a sua passagem pela Ilha descreveu as atividades dos povos Mura, que eram exímios pescadores e coletores de frutos. Os Mura qualificavam o Paraná do Careiro como “Uaquiri” (SAMPAIO, 1875, p. 13).

Então, durante todo o Período Colonial e depois no Republicano, a Ilha do Careiro sempre foi ambiente utilizado pelas populações humanas em atividades de cultivos de diversas plantações. Porém, com as grandes estiagens no Nordeste brasileiro (1877-79, Sternberg, 1998) e o atrativo de coletas da *Hevia brasiliens* e de outros produtos retirados das florestas dos rios do Amazonas, foram incorporados os grupos cearenses, que os moradores caboclos-ribeirinhos (Fraxe, 2010) classificam como não habilidosos com a água e as florestas – os “arigós” –, no entanto com o tempo esses grupos conseguiram acostumar-se ou adaptar-se à lógica de Morin (1994). A Ilha de Terra Nova nos anos de 1960 e 1970 do século XX foi o lugar de plantio e criação de gado que abastecia o mercado em Manaus, com os chamados “recreios” ou o “motor do leite”, que conduziam os produtos a Manaus. Assim os povos de há dois mil anos e os contemporâneos⁸ vêm mantendo as paisagens a partir de seus *ethos*, que utilizam o meio físico para o trabalho (Witkosk, 2021).

V. Material e Método

Para realizar a pesquisa, inicialmente se fez um levantamento de livros, artigos, teses, dissertações em relação às pesquisas relacionadas às paisagens dos ecossistemas da Ilha de Terra Nova. Fraxe (2010, 2011) descreve as relações do homem com a água, citando que em certos momentos o homem se torna “anfíbio”, ou seja, é quando as atividades estão direcionadas às intervenções nas paisagens, época em que a água inicia a subida, e geralmente há a prática de elevação do assoalho da casa para proteção da família, dos animais e de tudo mais que é necessário para proteger-se da elevação das águas.

E também é durante o pico das águas que os moradores da ilha utilizam o sistema de agroflorestas culturais, de acordo com o qual são feitos os canteiros com diversas plantações em recipientes que foram utilizados em processo de transportes ou de pescarias, como é o caso das canoas quando não podem mais ser utilizadas em deslocamentos para as atividades de

⁸ Na acepção de Agaben (2009), é revisitar o passado por meio leituras clássicas, como por exemplo: as obras de Platão, Sócrates etc. Assim, se torno contemporâneos desses clássicos.

circulação entre os próprios moradores da ilha ou das cidades de Careiro da Várzea ou de Manaus. Elas são colocadas em estruturas e são suspensas, e aí são introduzidas as plantas importantes e necessárias às comunidades.

Então, para observar e perceber essa arquitetura do tempo na Ilha de Terra Nova, a pesquisa foi no campo exploratório, pois a estratégia da observação ou até da ação (Thiollent, 1994) foi importante para compreender como os povos realizam a dinâmica de arquitetura ou a engenharia das águas, de forma que conseguem ao mesmo tempo manter tanto as famílias quanto as paisagens, que hoje podem constituir um campo para as observações no âmbito do turismo com base nas ciências ecológica, etnobiológica, etnoecológica, ou seja, na área da sociobiodiversidade (Medeiros *et al.*, 2012). Esses campos das ciências são como espelhos cujas imagens refletem na água, na floresta de igapó e na terra, que há milhares de anos vêm sendo moldadas pelas sociobiodiversidades⁹ que orquestram suas rodas de manutenção das vidas. É a vida na ótica de Leandro Tocantins, segundo o qual na Amazônia as águas são algo que transforma as vidas em cada descida e em cada subida, nas duas etapas do ano.

No que tange às etapas da vida, o livro denominado de *Teia da Vida* (Capra, 2012) faz uma reflexão importante e necessária sobre o santuário das vidas. Na Ilha de Terra Nova talvez haja uma teia formada pelas florestas, em que as vidas são articuladas em cada momento pelas estações das águas, e o homem, com a sua habilidade e sua competência, estica e marra o nó da vida. Para observar e compreender essas teias que seguiram a ótica de Goldenberg (2004), realizar pesquisa pressupõe uma espécie de arte. Assim a arte, na verdade, são as habilidades de enxergar e compreender a teia ou as paisagens moldadas não somente pelo homem, mas também pelos complexos de vidas que há na ilha, na visão de Albuquerque; Medeiros (2012, pp. 54-55). São essas esteiras que serão o objeto de pesquisa (Thiollent, 1994).

VI. Resultados e discussões

Resende (2018) caracteriza o amplo perfil de como ocorrem os sistemas de governança nas comunidades da Ilha de Terra Nova, em que cada sistema tem sua dinamicidade de articulação com o mundo das águas. A governabilidade está implícita em cada sistema cultural e ambiental. No cultural, é perceptível que as articulações ocorrem em rede, na acepção de

⁹ “Literalmente o termo se refere à articulação da diversidade biológica com a diversidade cultural, entendendo que, na contemporaneidade, a questão ambiental não é dissociada da questão social, principalmente na realidade de países megabiodiversos e de grandes diversidades culturais como o Brasil”. (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2012, p.55).

Bauman (2000). São as redes intercaladas que se comunicam a partir de ações do tempo físico ou do tempo cultural. No olhar de Morin (2010), seria uma complexidade de termos de forma que cada indivíduo complementa o outro, assim se encaixa “o todo e as partes” (MORIN, 2010, p. 30).

É nessa oscilação de cheia e seca que as estruturas paisagísticas se interagem. Nesse sentido, haveria a possibilidade de fluir o turismo na Ilha (Simonetti; Nascimento; Chaves, 2016), haja vista que já há a prática do turismo comunitário no baixo Rio Negro-AM, no entanto, devido a precárias articulações sociopolíticas, essa atividade turística pode ser vista como algo ainda não bem contextualizado, pois é necessário um diálogo sólido entre as comunidades no sentido de que o turismo seja não somente uma ferramenta de valor econômico, mas também um instrumento de demonstração de que, no interior ou no seio das comunidades, há saberes de como lidar tanto com as questões sociais, quanto com as do meio ambiente, que são presentes por meio das infinidades de espécies de plantas que há em torno das residências – estas que são testemunhos de identidades interligadas entre o homem e as florestas e paisagens culturais.

O turismo na Ilha de Terra Nova ainda vem a passos lentos, pois inexistente uma rede que interligue as paisagens naturais e culturais, como é o caso dos abraços dos rios, em que as águas são verdadeiros anfiteatros de vidas. Apesar de haver as interações nas comunidades que há na ilha, não são suficientes para manterem uma rede interligada, em que ocorra o turismo de base comunitária; na acepção Simonetti; Nascimento; Chaves (2016), não constituem um canal de comunicação, e assim as paisagens estão em uma balança, ora sendo afogadas, ora sendo espelhadas pelo horizonte das águas. Assim, conforme sinaliza Rezende (2018), na ilha há uma governabilidade em todos os sistemas produtivos, seja na agricultura familiar, seja na pesca etc. Assim, o turismo de base comunitária poderia ser uns dos caminhos para fortalecer as comunidades na balança do tempo, em que as águas são o relógio que regula a vida.

VII. Considerações

A Ilha de Terra Nova, localizada nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro, pode ser um útero que a cada momento de subida ou descida das águas deixa uma nova paisagem, ou seja, são pinturas produzidas pelas águas de coloração de suco de bacaba, que ficam afixadas nas árvores, nas casas, nas canoas etc. Os homens, as mulheres e as crianças estão acostumados com as águas, pois estas constituem os caminhos que seguem para os lagos,

os igarapés, os furos e as cidades de Careiro da Várzea e Manaus. A água é como artérias que bombeiam o sangue da vida das populações humanas da Ilha, onde o processo de coletar e semear sementes integra hábitos milenares que reproduzem paisagens de agroflorestas culturais e suas práticas costumeiras.

Mas a água, a floresta e a terra estão a cada momento em movimento, e é a água que regula os níveis de atividades na Ilha. Quando inicia o processo de subida das águas, os povos começam a organizar seus ambientes produtivos com, por exemplo, as áreas de roçado, de forma que começam a transformá-lo em área de captura de peixes, aí a paisagem só pode ser visitada por canoa; por sua vez, as residências têm assoalhos altos, em média de dois a três metros de altura, de forma que, quando na seca do rio, a parte baixa do assoalho das residências é o local onde os animais como galinhas, patos e outros são agasalhados durante a noite. Já na cheia os assoalhos servem de ambiente de pescaria. Assim, as paisagens são documentos fotográficos (Benjamin, 2006) na Ilha de Terra Nova, os quais estão literalmente em movimento, ora em estado líquido, ora na forma sólida (Bauman, 2000).

VIII. Referências

ACUNÃ, Cristóbal de. Sacerdote [1597-1675]. Novo descobrimento do grande rio das Amazonas. Tradução de Helena Ferreira; revisão de Moacyr Werneck de Castro; revisão de José Tedin Pinto. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de Albuquerque; MEDEIROS, Maria Franco Trindade. Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife: Nupeea, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Editora Argos do Unochapecó: Chapecó, 2009.

BAUMAN, Zigmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

BENJAMIN, Walter. Passagens. (org). W. Bolle e O. Matos, tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Irene Aron, São Paulo: Editora UFMG e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida: UMA NOVA COMPREENSÃO CIENTÍFICA DOS SISTEMAS VIVOS. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

CARVAJAL, G. Relación del nuevo descubrimiento del famoso Río Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana. Transcrição de Oviedo y Medina, por Raúl Reyes y Reyes. Quito: Biblioteca Amazonas, v. I, 1941 [1542].

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. Viagem na América Meridional – Descendo o Rio das Amazonas. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1045>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

DANIEL, João (1722-1776). Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

FEIL, Alexandre André. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. Cad. EBAPE.BR, v. 14, n.º 3, Artigo 7, Rio de Janeiro, jul./set. 2017.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Viagem Filosófica ao Rio Negro. 2.^a Ed. organizada, atualizada, anotada e ampliada por Francisco Jorge dos Santos *et al.* Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas e Editora do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 2007.

FERREIRA, Maria das Graças R. (Eng. Agrôn., D. Sc., Embrapa Rondônia). Editoração e *layout*: Marly de Souza Medeiros. Porto Velho, RO, 2005.

FRANZINELLI, Elena. Características morfológicas da confluência dos rios Negro e Solimões (Amazonas, Brasil). Braz. J. Geol. vol. 41, n.º 4. São Paulo oct./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-48892011000400587>. Acesso em: 19 dez. 2020.

FRAXE, T. J. P. Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas. 2.^a ed. São Paulo: Annablume, 2011.

FRAXE, T. J. P. Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade. 2.^a ed. São Paulo: Annablume, 2010.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26.^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LA CONDAMINE. Viagem na América Meridional – Descendo o Rio das Amazonas. Brasília: Senado Federal, 2020. (Coleção o Brasil Visto por Estrangeiros).

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Ed. 11.^a, 1996.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife: Nupeea, 2012.

MOREIRA, Valdenir Fábio de Moraes. A práxis ambiental na escola rural Professora Francisca Góes dos Santos, Careiro da Várzea, Amazonas, Brasil. 2017. 134ff. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia), PPGCASA – Ufam.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14.^a, revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. *Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico*. Estudos Avançados. Universidade de Brasília (UnB). 2012.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro; TASSO, João Paulo Faria. Notas sobre a trajetória do decrescimento: origens, concepções e proposições. Paper do NAEA, 2019, Volume 28, n.º 1 (402). Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/7577>. Acesso em: jan. 2022.

SAMPAIO, F.X.R. de. *Diário da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor e intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio no ano de 1774 e 1775; [...]*. Lisboa. Typografia da Academia, 1825.

RESENDE, Marília Gabriela Gondim. *TERRAS, FLORESTAS E ÁGUAS DE TRABALHO NA ILHA DO CAREIRO (AMAZONAS, BRASIL): TERRITÓRIO, GOVERNANÇA ISOMÓRFICA E GESTÃO CIBERNÉTICA CAMPONESA*. 2018. 241 ff. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) Universidade Federal do Amazonas – Ufam.

SANTOS, Geraldo Mendes Peixes; FERREIRA, Efrem J. G; ZUANO, Jansen A. S. 2.^a ed. Revisada, Manaus: INPA, 2009.

SIMONETTI, Susy Rodrigues; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. As representações sociais sobre turismo em comunidades do Rio Negro (Iranduba-AM). *Caderno Virtual de Turismo – Rio de Janeiro*, v. 16, n.º 1, pp.18-35, abr. 20 (2016).

STENRBERG, Hiigard O'Reily. *A água e o homem na várzea do Careiro*. 2.^a Ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

TOCANTINS, Leandro. *O Rio Comanda: Uma interpretação da Amazônia*. 9.^a Ed. ver. Manaus: Editora Valer, Edição Governo do Estado do Amazonas, 2000.

TRIOLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Editora Córtes, 1994.

TUAN, YiFu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 2012.

WALLACE, Aldred Russel. *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*. Tradução de Eugênio Amado; apresentação de Mário Guimarães Ferri – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

UGARTE, Auxiliomar Silva. *O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (século XVI -XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009.

Capítulo II. As características das paisagens e a importância para a preservação ambiental na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas

Resumo

A Amazônia tem no seu interior sistemas projetados promovidos pelo meio físico e pelo antrópico. No físico, há a extensiva bacia hidrográfica, que talvez determine a existência de milhares de espécies de peixes, de árvores; enfim, a bacia é um motor que move o sistema e faz as conexões, em que os rios são responsáveis pelas interações por todo o território. Já no antrópico, os povos há milênios deixaram suas possíveis digitais em todo o ambiente amazônico. Este capítulo pretende demonstrar que as paisagens são monumentos naturais e culturais erguidos pelos povos ancestrais e contemporâneos, as quais são reguladas pela sazonalidade do rio Amazonas-Solimões e Negro. O objetivo foi caracterizar a importância das paisagens para o equilíbrio do ambiente. O caminho metodológico que se traçou foi levantar a literatura que discute a função das paisagens; e, com a parte de campo, foi possível perceber quatro possíveis morfologias das paisagens – cada uma com as suas particularidades, cujo regulador é a sazonalidade. A conclusão é que os experimentos que ocorrem na sazonalidade pelos pescadores e pelos agricultores familiares são importantes estudos para a manutenção e a preservação do ambiente na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea, no Amazonas.

Palavras-chaves: Paisagens; pescadores; agricultores; preservação.

Abstract

The Amazon has in its interior, designed systems promoted by the physical and anthropic environment. Physically, the extensive Hydrographic Basin, which perhaps determines the existence of hundreds and thousands of species of fish, trees, in short, the Basin, is an engine that moves the system and makes the connections, in which the rivers make the interactions across the territory. In the anthropic environment, people for millennia have left their possible fingerprints throughout the Amazon environment. This chapter seeks to demonstrate that landscapes are natural and cultural monuments erected by ancestral and contemporary peoples, in which they are regulated by the seasonality of the Amazon-Solimões and Negro rivers. The objective was to characterize the importance of landscapes for the balance of the environment. The methodological path that was traced was to survey the literature that discusses the function of landscapes and the field part, in which it was possible to perceive four possible morphologies of the landscapes, each one with its particularities, where the regulator is seasonality. The conclusion is that the experiments that occur in seasonality by fishermen and family farmers

are important studies for the maintenance and preservation of the environment on Terra Nova Island, in Careiro da Várzea in Amazonas.

Key words: Landscapes, fishermen, farmers, preservation

A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.
Machado de Assis (1839-1908).

I. Introdução

A Amazônia pode ser considerada um grande labirinto, em que as vidas se entrelaçam, e novas surgem a partir desses entrelaçamentos, conforme expressa a citação machadiana supracitada. Nessa imensa região os povos e os animais que circulam estão, a cada momento, num processo de luta nos labirintos da vida. Autores como Alberto Rangel, Alexandre von Humboldt, Eduardo Neves, em “Velha Hileia”, descrevem a região como sendo magnífica; já outros, como Betty Meggers, enxergam esse ambiente como sendo um “inferno verde”, em obras como “Amazônia, a Ilusão de um Paraíso”. Todos os adjetivos com os quais se rotula a região refletem puros olhares das paisagens a partir da íris desses autores, o que constitui puras invenções na acepção de Gondim (2007).

Os ecossistemas (Ab’saber, 2003, 2008) compostos nos imensos labirintos que há na região são flautas que nem todo músico consegue manusear. Diz-se isso, porque os labirintos são tão desconhecidos que é impossível representá-los em uma única tela do imaginário do artista, pois os rios são um imenso conjunto de orquestras que a cada período de secas ou de cheias transformam os coloridos das paisagens. Por exemplo, em áreas de várzeas, normalmente os agricultores familiares¹⁰ costumam cultivar uma série de plantas, como batata, feijão etc., em pequenas áreas; e, quando inicia a subida das águas, essas pequenas áreas ficam submersas e se transformam em ambientes de pescarias, já que os agricultores continuam interagindo com a paisagem, porém dessa vez utilizando a canoa para realizar a caminhada nos labirintos da vida (Tocantins, 2000). Esse autor sustenta que os rios são como um organismo que leva e traz vidas na Amazônia.

E, à medida que a água vai inundando o igapó, as sementes de diversas espécies de árvores vão sendo carregadas pelos banzeiros produzidos pelos ventos ou pelos barcos que descem e sobem os rios. Em relação à Ilha de Terra Nova, pelo próprio nome, a primeira percepção que se pode imaginar é que tudo pode ser novo, pois a terra, a floresta e até a água

¹⁰ “[...] o processo de reprodução do campesinato amazonense com cadeias produtivas oriundas da biodiversidade, um processo de concretude, de originalidade e de frequência nos debates (econômicos, políticos e culturais); e tal campesinato pode vir com os mais variados nomes culturais ou institucionais, ou oriundos de escolas econômicas: caboclo, ribeirinho, lavrador, agricultor familiar, pequeno agricultor, pescador ribeirinho, pescador artesanal, entre tantos outros” (COSTA; NUNES, 2017.p.7).

podem ser consideradas novas. Mas na verdade tanto o velho quanto o novo são os ecossistemas que a cada época do ano se restabelecem, pois a vegetação é como um tapete cujas cores modificam o ambiente a cada período do ano. Nessa esteira as paisagens foram e são organismos que concentram elementos de propulsão de vidas na Ilha de Terra.

Mas o que seria uma paisagem? Segundo Albuquerque *et al.* (2012, p.7), o conceito depende de cada olhar do expectador; por exemplo, uma revoada de pássaros ao cair da tarde pode ser considerada uma paisagem, visto que o pescador pode até dizer que esses pássaros estão indo em busca de alimentos no lago do Rei ou do Miracauera etc. Assim, salienta o panorama de paisagem:

O poeta popular tem sua própria visão do que seja a paisagem. A paisagem (do interior, no caso de Jessier Quirino. A abordagem etnocientífica, por sua vez, valendo-se de pressupostos antropológicos, leva-nos a um questionamento: o interior é aqui? [...]; é o ambiente onde vivem os grupos sociais [...]) (ALBUQUERQUE, *et al.*, 2007, p.7).

Então, no trecho extraído do livro *Povos e Paisagens*, há, na verdade, as vozes refletidas que estão presentes no interior da Ilha de Terra Nova, onde os labirintos que talvez componham os conjuntos de paisagens são puras fotografias moldadas por artífices humanos, animais e também naturais. As figuras 3 e 4 são cenários do objeto de indagação na Ilha de Terra Nova, a qual está nos abraços dos dois maiores rios de águas de cores de sucos bacaba (Amazonas-Solimões) e de açai (Negro).

Figuras 3 e 4. Complexos de paisagens nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro



Figura 3. Paisagens constituídas pelas pressões de águas dos Rios Amazonas e Negro; e ao fundo os navios fundeados. Esses movimentos das águas ocorrem entre os meses de abril e maio; geralmente os cardumes percorrem no sentido leste-oeste do rio, ou vice-versa.

Foto. Ane Karoline Rosas Brito, mai. 2021.



Figura 4. Conjuntos de embaúbas (*Cecropia*), seringueiras (*Hevea brasilienses*) e outras espécies que contemplam as paisagens nas comunidades de São José e São Francisco, na Ilha de Careiro da Várzea – Amazonas.

Foto. Ane Karoline Rosas Brito, mai. 2021.

II. Característica do ambiente na Ilha de Terra Nova

Viver na Amazônia pode apontar uma série de adjetivos, pois quem reside em áreas urbanas tem conotações bem diferentes dos que estão em áreas do interior do Estado do Amazonas. As diferenças abrangem as características percebidas em cada residente do ambiente; por exemplo, quem está em áreas urbanas busca o campo de trabalho na economia formal ou informal, pois os que têm emprego têm registros em carteira do trabalho, têm salários assegurados; já os que estão na informalidade vivem dos recursos que adquirem na semana ou no mês a fim de atender às demandas dos laços familiares, tanto no que diz respeito à alimentação, quanto a transporte, educação e saúde.

Por sua vez, os trabalhadores do interior ou do campo têm uma vida regrada de possibilidades, pois vivem do que buscam no rio, na floresta e nas praias, em época de seca do rio, ou seja, parecem bem mais livres, já que não têm aquela obrigação com o horário do trabalho, à medida que, quando o pescador sai para pescar, tem em seu planejamento o horário de saída, mas a volta depende muito do que consegue: o retorno pode ser ao fim da tarde ou ao anoitecer. E, quando sai da área de pescaria (lago) ou do roçado, veem à sua cabeça letras de músicas que estão em seus repertórios, assim parece um ser social longe de contrair o *stress* de quem trabalha em áreas urbanas.

Notei essas características durante a graduação em turismo, quando eram realizadas visitas a comunidades; elas são alegres, divertidas e comunicativas, ou seja, utilizam a pedagogia da comunicação por meio de suas atitudes. Também essas percepções vêm das viagens de campo aos municípios de Manacapuru, Maués, Novo Airão, Careiro da Várzea e Urucurituba, visitas lideradas pelo NUSEC (Núcleo de Socioeconomia-FCA-Ufam) e pelo Laboratório Socioambiental da Ufam.

Os ambientes tanto urbanos quanto interioranos são, na verdade, paisagens que podem ser exploradas no campo do turismo, pois cada ambiente tem os adjetivos que podem ser concebidos como elementos de distração ou de diversão social. Assim este capítulo segue a trajetória da importância da paisagem para a preservação ambiental na Ilha, tendo sido dividido em cinco seções: a primeira traz uma panorâmica das características das paisagens; a segunda, a área de pesquisa; a terceira discrimina o material e método; a quarta apresenta o Resultado e Discussões; e por fim as Considerações Finais encerram o capítulo.

II.I. Panorâmica das paisagens

Na Ilha de Terra Nova, a panorâmica das paisagens se encontra a partir do momento em que as águas sobem ou descem, daí o fato de se utilizarem as expressões “subida e descida do rio”, que são os termos usados pelos comunitários de São José e São Francisco. A comunidade de São José é a primeira alocada no início da Ilha, ou seja, nos abraços dos rios Solimões-Amazonas e Negro.

As paisagens estão por todo o ambiente da comunidade, desde as áreas de pescaria, de coletas de frutos e de outras atividades dos comunitários; na sequência vêm os conjuntos de residências¹¹, moldadas a partir do comportamento adquirido em função das águas: há residências com “as pernas de pau”, com cerca de dois a três metros de altura; e outras cujas estruturas são de concreto armado.

Já na comunidade de São Francisco, que está paralela à margem do rio, observou-se que há uma cerca viva de diversas espécies de vegetais, que faz uma espécie de barreira entre a rua, as residências e o rio. Essa estratégia funciona como um muro, de forma que, na subida das águas, impede que o capim que se desprende com a força da correnteza do rio invada as residências, o que será explanado com maior objetividade na próxima seção. As figuras 5 e 6 ilustram as habilidades e as competências de como viver em certa sinfonia com a terra e a floresta no ambiente das águas, nos abraços dos rios (Amazonas-Solimões e Negro).

¹¹ “A casa ribeirinha no Baixo Amazonas, que apresentamos nesta edição do projeto Casas do Brasil, está representada na observação de duas tipologias: a palafita e a casa balsa (ou flutuante). São soluções que nos trazem inventividade e permanência de uma arquitetura feita com adequação precisa entre técnica e meio ambiente. Morar elevado sobre estacas e viver navegando sobre as águas são condições ancestrais, há muito registradas na memória da humanidade” (SAMPAIO; LENCIONI, 2013, p. 7).

Figuras 5 e 6. Atividade de modelar paisagens para a contemplação social



As figuras 5 e 6 estão na matéria publicada por Mônica Prestes (2019), cujo título é “Terra Preta de Índio: o legado de agricultura sustentável da Amazônia”. Na verdade, na Ilha de Terra Nova, os registros arqueológicos acusam que a ocupação humana é de “dois mil anos” (STENRBERG, 1998, p. 113). E, ao longo desses milênios, modificou-se por meio de manejo, com o qual se construíram pacotes de solos férteis que hoje são utilizados pelos agricultores que utilizam os ambientes para a produção de diversas hortaliças, como é possível observar na figura 6.

As áreas de cultivos com formação de terras pretas sofreram alterações advindas de possíveis forças de trabalho de mulheres e homens nos abraços dos rios, antes da efetivação do processo colonial português. Segundo Neves (2012) a formação do solo negro fértil seria um procedimento de divisão social. A Amazônia era repleta de ocupações humanas, que transformaram, melhoraram e domesticaram as paisagens (Arroyo-Kalin, 2010). O melhoramento e as domesticações de plantas estavam atrelados aos procedimentos de manejos, ou seja, à medida que o processo demográfico cresceu, houve a necessidade de novos cultivos, assim as áreas em torno das malocas ou as de roçados foram incorporadas a novas passagens produzidas por meio de sementes transportadas tanto do ambiente de várzea quanto de terra firme, ou seja, os povos eram exímios transformadores de ambientes florestados em áreas alagáveis ou não.

Essas são as percepções possíveis de serem verificadas em assentamentos pré-colombianos, em que há diversidades de espécies frutíferas, além da presença de fragmentos

cerâmicos e líticos nas superfícies desses assentamentos. Na acepção de Arroyo-Kalin (2010), as paisagens são constituídas a partir de interações, tanto no ato de abertura de uma roça quanto em outras ações que envolvam a intervenção no ambiente. Nessa linha de conjectura, as paisagens em sítios arqueológicos na Ilha são as possíveis histórias das digitais dos povos pretéritos e dos atuais em conjunto com o meio físico, os quais vêm mantendo e constituindo outras paisagens, que serão abordadas na sequência, mas antes se descreve a área de pesquisa.

II.III. A área de estudo

A escolha para realizar a pesquisa está propositalmente ligada às confluências dos maiores rios de águas brancas e negras na Bacia Amazônica¹², assim uma das primeiras paisagens é constituída pelos abraços das águas dos rios, que são visivelmente magistrais. E também por haver uma tradição de pesquisa na Ilha, liderada por vários ramos da ciência, inclusive um ramo da música, em que a pesquisadora fez um levantamento dos músicos autodidatas que brilhavam nas festas do local, que foi Rebeca Maciel Silva (2018).

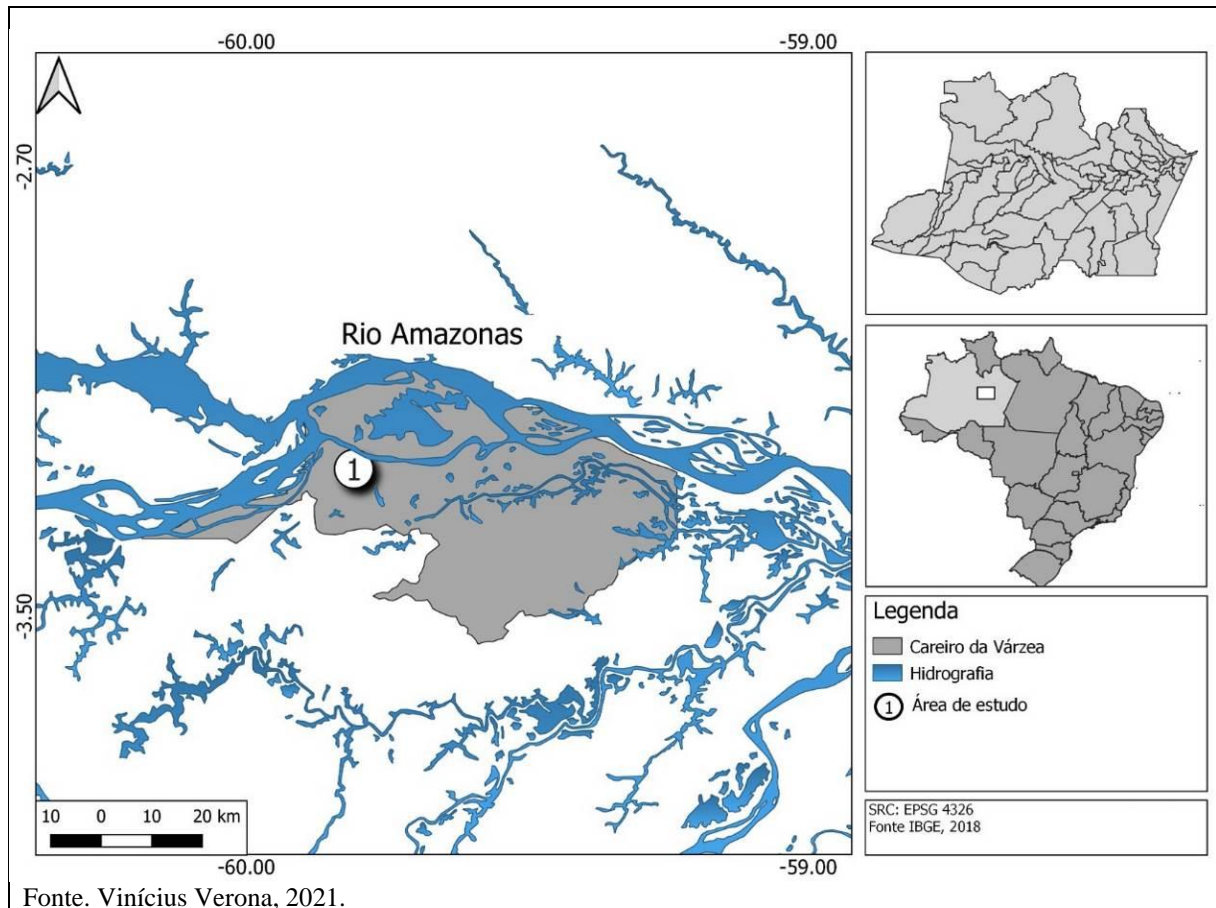
A pesquisa se propõe a investigar as funções das paisagens, pois é sabido que uma paisagem pode até representar características ou governabilidade dos povos da Ilha, Resende¹³, tanto no passado quanto no presente, pois nas paisagens há possíveis interferências de longos períodos. Na figura 5, está a representatividade do homem do campo¹⁴ da Ilha de Terra Nova, na qual essa representação entrelaça o campo, os povos e as paisagens, mas, no tocante ao campo social, pode estar associada ao pensamento de Milton Santos (2011), que caracteriza o homem do campo brasileiro como sendo de certa forma invisível no que diz respeito aos direitos sociais e ambientais.

¹² “As nascentes do Solimões estão localizadas nos Andes; e o Rio Negro, afluente da margem esquerda do Solimões, provém do Escudo das Guianas. Ambos possuem vastas bacias com características diferentes a respeito do relevo, climas e tipos de rochas que definem a qualidade de suas águas e as cargas sólidas. Ambos percorrem centenas de quilômetros antes de se encontrarem” (FRANZINELLI, 2011, p.587).

¹³ “Nesse sentido, a governança, aqui trabalhada, será a rede de articulação política que se estabelece a partir da interação entre os sistemas simbólicos e sociopolíticos que originam o governo e concebem a governabilidade” (RESENDE, 2018, 181).

¹⁴ “O homem do campo brasileiro, em sua grande maioria, está desarmado diante de uma economia cada vez mais modernizada, concentrada e desalmada, incapaz de se premunir contra as vacilações da natureza, de se armar para acompanhar os progressos técnicos e de se defender contra as oscilações dos preços externos e internos e a ganância dos intermediários” (SANTOS, 2011, p. 104).

Mapa 2. A complexa paisagem da Ilha de Terra Nova



Para o deslocamento para a área de pesquisa, só há uma possibilidade: a via hidroviária, haja vista que a Ilha está literalmente circunscrita de cercamento de água. Assim, para se chegar à área de pesquisa, deve-se utilizar os serviços dos canoeiros que ficam sediados no terminal de embarque e desembarque de veículos, na BR-319. Geralmente, dependendo do número de passageiros e da potência do motor para chegar à comunidade de São Francisco, que está na costa da Terra Nova, o intervalo é de cerca de 20 a 30 minutos. Já para chegar à cidade de Careiro da Várzea, é de 40 a 50 minutos. É nesses lugares que foram realizados os inventários das paisagens pré-colombianas e contemporâneas da Ilha de Terra Nova.

II.IV. Material e Método

Foram coletados dados em campo, nas estações de cheia e de seca da Ilha. No período de seca, realizou-se caminhamento nas áreas em que é praticado o processo de cultivo de

hortaliças, roçados de manivas etc.; normalmente, seguem-se as trilhas dos agricultores familiares e dos pescadores e pescadoras. Já na cheia, fez-se o reconhecimento das áreas de cultivos e de pesca utilizando a canoa de madeira de três metros. Para os registros das paisagens, utilizou-se câmera digital e GPS. Tal metodologia se ajusta às palavras de (GOLDENBERG 2004, p.13): “A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”. Então, as palavras são importantes para o norte da pesquisa. Nesse sentido, os métodos vislumbrados foram o etnoconhecimento e a etnografia.

O etnoconhecimento geralmente é uma ferramenta dos pesquisadores da área da biologia, que em campo utilizam estratégias para compreender e até para participar de atividades produtivas ou culturais de comunidades em áreas rurais, ou seja, o método de buscar, de explorar os saberes que são constituídos pelo cotidiano familiar (Medeiros; Albuquerque, 2012). No *Manual de Etnobotânica: Plantas, Artefatos e Conhecimentos Indígenas*, Cabalzar *et al.* (2017) faz uma conexão bastante plausível quando fundamenta as interações das estruturas de ações naturais e antrópicas, em que descreve os saberes e os prazeres dos povos do Alto Rio Negro; no que tange aos saberes em relação aos diálogos entre a natureza e os povos, considera que os ecossistemas são organismos bibliotecários no anfiteatro do tempo, conforme o autor relata:

Os próprios povos indígenas e as comunidades locais estão reconhecendo a importância dos jardins botânicos e museus como lugares de preservação de conhecimentos sobre o meio ambiente e sobre a cultura destes povos, podendo também ser instituições parceiras nas iniciativas de fortalecimento de seus conhecimentos. Nesse sentido, os povos indígenas e as comunidades locais estão se interessando pela formação de novas coleções de plantas e artefatos, com outros sentidos e significados, e criando também seus próprios museus e jardins com vistas a preservar seus conhecimentos e gerar ações em prol da conservação do entorno onde vivem. Ao mesmo tempo, os jardins botânicos e museus estão empenhados cada vez mais em realizar pesquisa com, e não mais pesquisa sobre, os grupos locais. (CABALZAR *et al.*, 2017, p. 15).

Desse modo, o diálogo científico e o etnoconhecimento são conexões importantes para caminhar em paisagens que foram tecidas ao longo de milênios por ações da natureza ou por meio de ações de saberes coletivos contemporâneos, que são aprendidos por meio de ações associativas entre o passado e presente, como as figuras 7 e 8 projetam os saberes artísticos e culturais.

Figuras 7 e 8. Projeções de estruturas do etnoconhecimento



Já a etnografia está ligada às ciências sociais, cuja função é descrever por meio de observação o modo de vida e o cultural de certa comunidade rural. Assim, nas ciências ambientais, segundo Morin (2010), deve-se observar o todo e as partes de determinado núcleo social e cultural. Desse modo, os dois métodos serão utilizados no sentido de responder ao problema de pesquisa, em que se busca investigar as funções das paisagens pré-colombianas e contemporâneas da Ilha da Terra Nova. A pesquisa foi de cunho exploratório utilizando as ferramentas quantitativa e qualitativa.

III. Do inventário paisagístico

No sentido de buscar explicações para a pluralidade de manejo do ambiente, optou-se por consultar quatro pescadores e agricultores, sendo dois do gênero masculino e dois do feminino, de forma que a abordagem ocorreu em quatro sessões. A primeira se deu no período de início de descida das águas, entre o fim do mês de julho e início de agosto, quando esses comunitários se organizam para fazerem os procedimentos de limpeza do terreno, época em que os fragmentos de vegetação em processo de decomposição são reunidos e despejados paralelamente à área onde serão introduzidas as sementes de milho, feijão, melancia, maxixe, maniva, jerimum, melão etc.; a segunda ocorreu no mês de dezembro, quando eles começam a realizar as colheitas dos produtos cultivados e a fazer pequenas limpezas, com a remoção de capins entre as leiras; a terceira foi nos meses de fevereiro e março, quando esses grupos retiram toda a produção e fazem a estocagem de reservas de sementes – no que tange às hastes de maniva (mandioca), entre os diversos produtos, a farinha é mais consumida –, e algumas

seleções de sementes são armazenadas em pequenos recipientes; a quarta ocorreu no mês de abril, quando as águas já haviam alagado toda a área de cultivo e de igapó. As figuras 9 e 10 mostram possíveis métodos experimentais planejados e organizados pelos gêneros masculino e feminino e seus saberes, pois, no tempo da seca do rio, as paisagens servem para produzir alimentos; e, na época da cheia, servem para a pescaria.

Figuras 9 e 10. Possíveis experimentos sazonalmente realizados pelos gêneros masculino e feminino na Ilha de Terra Nova



Figura 9. Paisagens compostas de capins e árvores típicas de áreas de igapós com nomes populares: munguba, tachi, marimari, paracutaco, socoró, taquari, bacuri, embaúba. Os frutos e as sementes no período em que o igapó fica submerso são alimentos de algumas espécies de peixes.

Foto. Ane Karoline Rosas Brito, jul. 2021



Figura 10. Paisagem adaptada para a produção de hortaliças, legumes; ao fundo, a floresta de igapó, enriquecida pelos acúmulos de capins despejados pelos gêneros masculino e feminino durante o processo de limpeza para erguer as leiras no solo. Quando inicia a cheia, a correnteza de água desorganiza as leiras.

Foto. Ane Karoline Rosas Brito, dez. 2021.

Essas estruturas utilizadas pelos pescadores, agricultores e criadores de animais são estratégias produzidas sazonalmente para a manutenção do ambiente; por exemplo, no período da subida das águas, é planejada uma plataforma flutuante que eles classificam como “maromba” – é a estrutura tecida com profunda habilidade para manterem as criações de alguns exemplares de bovino, caprino, suíno e outros, durante o pico de cheia do rio. O capim para alimentar bovino e caprino é coletado nos lagos.

Os pescadores e os agricultores se deslocam em pequenas canoas para o corte do capim, o que geralmente ocorre ao amanhecer. Ao chegarem com o capim, este é despejado no interior da maromba ou em seu entorno. Já os demais animais recebem alimentos produzidos durante a seca do rio. Assim, os gêneros masculino e feminino são lentes microscópicas dos laboratórios do tempo e do espaço no ambiente das águas. Dessa maneira, identificaram-se quatro possíveis características de paisagens, que são estas:

a) paisagens possivelmente produzidas por ações físicas, onde o capim se desprende do solo durante a cheia do rio; e, quando começa a baixar o nível das águas, os capins ficam sobre as ramas das árvores, paralelamente aos roçados dos pescadores e dos agricultores, áreas chamadas de *casolas*, nas quais são realizadas as pescarias em que se capturam peixes como pacu (*Metynnis lippincottianus*), sardinha (*Triportheus elongatus*), aruanã (*Osteoglossum bicirrhosum*); é também literalmente o lugar de reprodução de camarão.

b) paisagens erguidas por meio de cercas vivas, em que a munguba (*Pachira aquatica Aublet*) (Alencar, 2020) é cultivada perfilada em torno das residências para evitar que, durante a cheia do rio, árvores flutuando e capins se aproximem das residências; são os canteiros de hortas suspensas, ou seja, funcionam como barreiras protetivas ecológicas.

c) paisagens de igapós alagados quando os mururus-estrelinha (*Azolla caroliniana Willd*) produzem cenários como se fossem tapetes de cores verdes e róseo-amarelados na superfície da água, o que geralmente ocorre no fim do mês de março.

d) Paisagens construídas pelos povos, como são os estratos de solo de terra preta, utilizados por pescadores e agricultores, de modo que no período da seca do rio são cultivadas as hortaliças; já na subida das águas tornam-se áreas de pescarias e de coleta de sementes.

V. Resultados e Discussões

A Ilha de Terra Nova, pela própria semântica, é denominada de “nova” ou “velha”? Talvez *nova* seja pela sua formação física, pois, a cada estação de cheia e seca do rio, sempre está se renovando, já que o solo é literalmente submerso e renovado pelos húmus que se acumula na superfície, assim há pouca alteração em nível de terreno, devido à grande quantidade de árvores que contemplam o cenário de paisagens de igapós¹⁵; as quantidades de folhas depositadas nas estações da seca ficam enterradas parcialmente; talvez seja esse tapete de cor marrom formado pelas folhas que dê a ideia de estar *nova*. Já a *velha* ou antiga pode ser pelo manejo ou pelas interações realizadas pelos povos que há milênios vêm deixando suas histórias de vida – e esses adjetivos poderiam ser atribuídos à temporalidade dos povos contemporâneos, que vêm mantendo as características de paisagens e utilizando-as como banco genético.

¹⁵ “As várzeas e igapós amazônicos pertencem à classe de Aus, com pulsos monomodais previsíveis com alta amplitude” (JUNK, 2020, p.39)

As comunidades de São José e São Francisco, sediadas no distrito de Terra Nova, têm inúmeras famílias – todas com demandas sociais e culturais. No entanto, no universo da pesquisa, buscou-se identificar os gêneros que mais realizassem atividades polivalentes. Nesse cenário, foram identificados quatro atores com amplas dinâmicas de convivência nesse universo das águas.

Quanto aos dois do sexo masculino, o primeiro tem 60 anos; o segundo, 28 anos. O mais velho atesta que realiza essas práticas produtivas há cerca de 55 anos, com seu pai, ou seja, sua memória acusa momentos de história de vida, quando o saber foi liderado e executado por meio de assimilação reproduzida a partir do seu genitor. Porém manifesta que sempre fez as atividades produtivas com maior garbo e prazer, conforme diz:

Olhe! Quando eu me entendi, neste gapozão (**igapó**, grifo nosso), que fica atrás de casa, nos meses de março, abril e maio, havia muitos peixes, um deles o tambaqui, que, no tempo da seringa, era possível observar os peixes com escamas escuras-amareladas brincando quando as sementes de seringas espocavam, peque, peque...; ficavam se abocanhando para tomar a semente da boca dos outros! A mesma coisa ocorria com a pirapitinga: as bichas tinham o peito meio avermelhado-embranquecido; todos muito gordos; eu pescava e, quando voltava, minha mãe fazia o assado, que aquela fumaça era como um grito; as vizinhanças sabiam que está na hora da boia (Por questão particular, não será citado o nome, mas sim a letra do alfabeto – o Sr. “H”, 2022).

As frases do entrevistado trazem uma história de vida apreciando e cultivando as paisagens, cuja longa vivência representa uma totalidade de como é estar presente nesses ambientes servindo-se dos recursos, mas também simultaneamente contribuindo para o equilíbrio do meio físico. Esse equilíbrio se dá quando são realizadas as atividades de pescaria e quando é realizado o cultivo de plantas cujo calendário é totalmente sazonal.

O segundo, por estar na faixa etária de 28 anos, apesar de ter acesso às tecnologias sociais e de ter concluído o Ensino Médio completo, segue com a sua relação com o meio ambiente; e nas atividades de pescaria utiliza os apetrechos para a captura de peixes, como o caniço, cuja morfologia é a de uma haste de madeira de dimensão de dois a três metros de comprimento e espessura de dois centímetros de diâmetro, com linha de três a quatro milímetros de algodão e na ponta são utilizadas as casas de árvores; a flecha é de haste do bambu, coletada na Ilha de Terra Nova, é deixada em repouso ao sol por um ou dois meses; quando está bem leve, é preparada por dois instrumentos: o primeiro, chamado *encastado*, é um fragmento de madeira supermaciça, geralmente de *paracuíba* (*Mora paraensis* Ducke *Caesalpinaceae*). À peça talhada de forma pontiaguda, é encaixado o projétil, chamado *bico*, no qual é afixado um fio de dois metros de comprimento, disposto como se fosse um novelo tecido. A ponta da flecha

é feita também de *paracuuba*, uma peça com formato de ípsilon de três milímetros de curvatura. O arco tem a morfologia de um fragmento de dois ou três metros, de formato esférico ou com a base plana, e as duas pontas são confeccionadas por dois apliques com formato de um interruptor para afixar a corda para dar a curvatura no arco; a zagaia tem a morfologia de uma haste de madeira com dois ou três projéteis de oito a dez centímetros de comprimento por dois milímetros de espessura. Assim, esses apetrechos de pescarias são utilizados, cujo impacto é insignificante, mas a compensação ou a mitigação vêm quando, no período da seca, nas áreas de cultivos, são introduzidas espécies nas laterais dos roçados, como jenipapo (*Genipa americana* L), bacuri (*Platonia insignis*), abiorana (*Lucuma Lasiocarpa*) etc.

As informantes do gênero feminino têm 45 e 72 anos, mulheres que, além de desenvolverem atividades de pescarias e de agricultura, são líderes comunitárias e exercem liderança na comunidade e na família. A liderança efetivada por mulheres na comunidade é eminentemente democrática, de modo que todas as decisões são deliberadas por amplas discussões, e elas afirmam: “Nada é feito sem o aval de todos; as vozes têm de seguir a música que todos entendam e gostem” (a pedido delas, não serão citados os nomes, 2022). Logo o gostar nas palavras delas são os códigos que estão presentes no comportamento ambiental, nas múltiplas funções sociais e ambientais, que são guiadas por memórias; por exemplo, quando descrevem sua ida à pescaria:

O Senhor sabe: eu tenho 72 anos, mas, antes de sair para a pescaria, deixo tudo encaixando; os caneiros deixo irrigados, retiro as porções de cebolinha, de tomate e cheiro-verde. Antes colocava a água no pote, mas agora deixo as garrafas na geladeira todas cheias; as panelas lavadas; alimento as galinhas e os porcos. Na minha canoa, tenho tudo, do peso na popa da canoa até a estopa. Caso abra goteira na canoa, faço imediatamente o reparo, que é feito para a minha segurança. Meus utensílios de pesca são o meu caniço, os meus pequenos espinhéis, né? Por questões particulares, não será citado o nome; apenas a chamamos de Sra. “P” (Sra., de 72 anos, 2022).

Quando vai à pescaria, fica o dia todo no lago e, à medida que captura os peixes, organiza-os no porão da canoa, fazendo a proteção do pescado com capim – tudo isso para não estragá-los, pois pesca o suficiente para a base alimentar da família. Ao retornar da pescaria, faz os monitoramentos em todos os animais e dos canteiros de hortaliças, enfim mantém o planejamento equilibrado. Desse modo, as rotinas dos gêneros, que têm o Ensino Médio completo, são parecidas, mas são plurais, e mantêm o bem-estar no trabalho.

Ambos os gêneros fizeram as mesmas observações sobre a realização de atividades de agricultura e de pescaria que provocassem impactos que não pudessem ser equacionados. A informação é a de que o modelo experimental implantado é efetivo e planejado, de forma que

se devolve a recomposição das paisagens. Tudo o que foi retirado durante as atividades agrícolas é reintroduzido em conjunto entre os povos, os animais e o meio físico, operando na mesma nota musical, ou seja, são as compreensões compartilhadas do meio ambiente. No gráfico 1, traçam-se as estimativas de percentuais distributivos e devolutivos de indicadores quanto aos itens *zelo pelas paisagens* e *níveis de escolaridades por faixas etárias*.

Gráfico 1. Ações socioambientais em relação às tratativas das paisagens pelos moradores na Ilha de Terra Nova

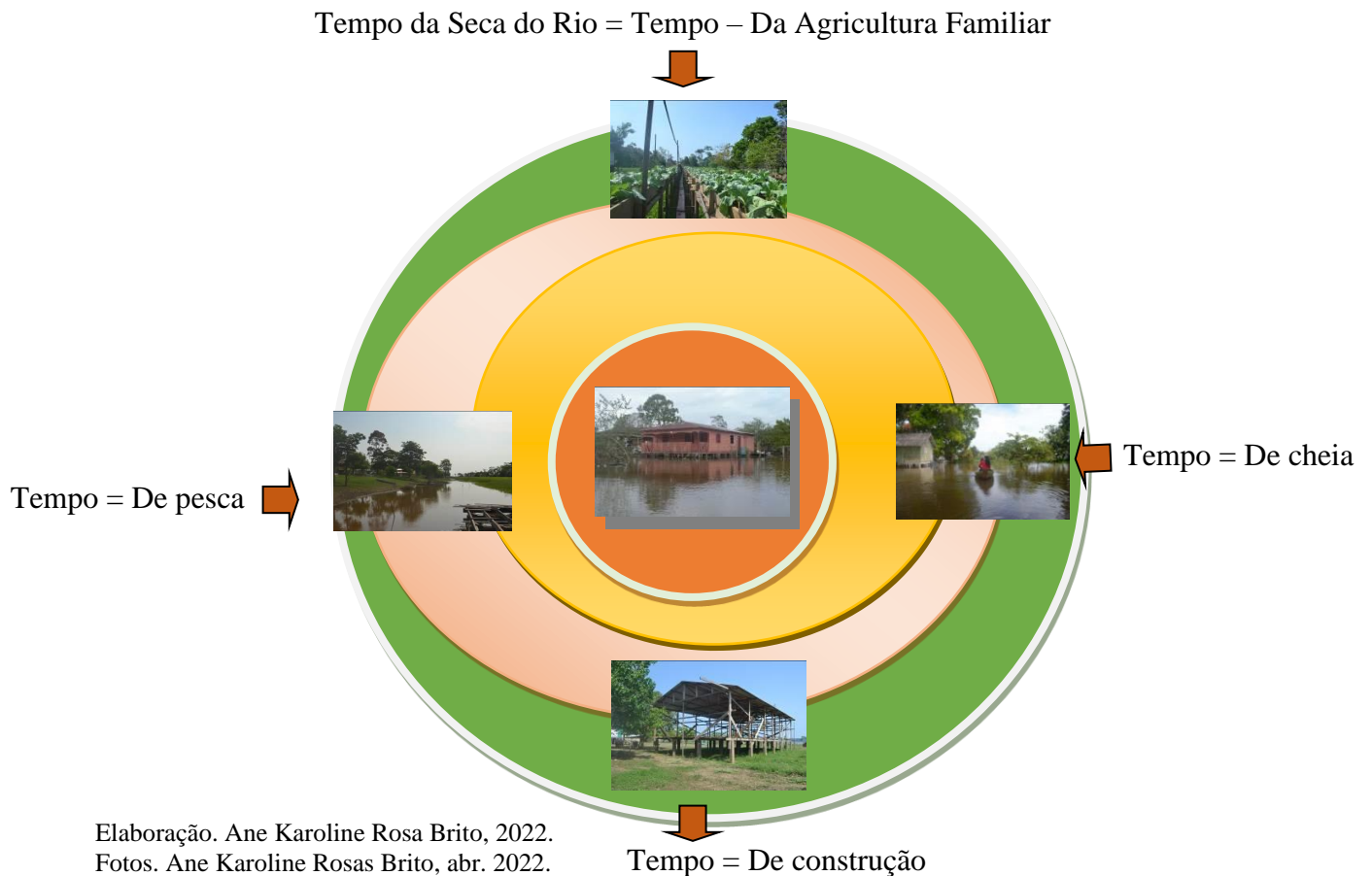


Fonte. Dados de campo. Gestores, empreendedores e líderes socioambientais.
Elaboração. Ane Karoline Rosas Brito, 2022

A interação e o saber adquiridos por experimentos pelos atores sociais da Ilha talvez se deem no sentido de manter o equilíbrio das paisagens, pois elas funcionam como uma arena semicircular, em que, à medida que a água se afasta, ou seja, no período da seca, as paisagens sinalizam o tempo de produzir alimentos a todos os seres que vivem na Ilha. Por exemplo, no período da seca, aves como as gaiivotas vêm para as paisagens em busca de alimentos, principalmente para capturar camarão. Os agricultores fazem seus estoques de reservas como é o caso da farinha de mandioca. Quando a cheia chega, as paisagens exercem as funções de ambientes de pesca, além de serem apreciadas por visitantes que vão à Ilha. Nesse sentido, essas quatro características de paisagens descritas prestam serviços inesgotáveis à conservação ambiental. Para ilustrar essa dinâmica, na figura 11 se elaborou um esquema de como as paisagens são utilizadas nas estações de sazonalidade na Ilha

Figura 11. Representação da percepção das paisagens na Ilha de Terra Nova

PAISAGENS IDENTITÁRIAS EM QUE HÁ AS DIGITAIS DOS GÊNEROS HUMANOS PRÉ-COLOMBIANOS E CONTEMPORÂNEOS ESTAMPADOS NA FLORESTA DE IGAPÓ, NA ÁGUA E NA TERRA.



Os tempos-espços de retrorreorganização de pescadores e de agricultores são paisagens esculpidas pela água, pela terra e pela floresta e protegidas pelos comunitários, pois os olhares são em relação aos componentes das paisagens que retiram as proteínas para a caminhada da vida não só dos comunitários, mas também dos animais que interagem na Ilha. Caso se caminhe no igapó no tempo da cheia do rio, é possível deparar com animais, como os macacos, as serpentes etc., que também ficam sem utilizar o solo, assim todos ficam em um período de *férias* e permanecem em um único espaço-lugar (Turan, 2012), que se moldou para resistir ao tempo da cheia do rio Amazonas-Solimões, como já se projetou na figura 11.

VI. Considerações finais

Na verdade, o termo *paisagem* pode ser convencional a partir da percepção de que se depare com quaisquer monumentos que as inspirem. Por exemplo, no livro *Paisagens do Medo*, de Yi-Fu Tuan (2012), o autor demonstra que a categoria “medo” sempre existiu nos relacionamentos humanos. Na Amazônia, em áreas afastadas de centros urbanos, é comum ouvir, principalmente de pescadores, castanheiros, caçadores, as histórias de assombrações, entre as quais a de que, no rio Mutuca, em noite de luar, há uma enorme barra negra trêmula que, dependendo do horário, faz arrepiar os pelos do crânio... *Se não estiver preparado, pode contrair uma terrível febre acompanhada de fortes frios e vozes estranhas*. Assim, as paisagens podem ser códigos que representem adjetivos que qualifiquem as características de cada paisagem.

Na Ilha de Terra Nova, as paisagens têm duplas funções: a primeira é que funcionam como um relógio ecológico, pois é a partir das ações dos agricultores e dos pescadores com as paisagens das estações de seca ou de cheia do rio que se determina o começo e o fim de um eixo de interação; talvez sejam esses intervalos impostos pela sazonalidade o despertador de equilíbrio e de manutenção no sentido de que as paisagens sempre estejam revitalizadas.

As características pontuadas em cada paisagem são, na verdade, elementos que foram sendo gradativamente incorporados pelas estações de seca e de cheia do rio, todavia a interação entre os povos e o ambiente foi e é uma espécie de motor que, ao longo de milênios, mesmo com as características produzidas pelas águas do Amazonas-Solimões e Negro, vem mantendo as paisagens. Desse modo, as ações dos povos na Ilha têm sido necessárias e importantes para a manutenção, pois, a partir de manejos de espécies de árvores que são típicas de áreas de terra firme, foram estabelecendo a durabilidade das paisagens na Ilha.

Por fim, no tocante à pesca e à agricultura familiar, o sistema desenvolvido pelos povos nos espaços das florestas e do solo é cirurgicamente equilibrado, pois segue um calendário, que é regulado pela sazonalidade e funciona conforme as observações macro e micro feitas pelos povos que ocuparam a Ilha no passado e nela estão no presente. Assim, o modelo empreendido contém ferramentas somente possíveis de serem realizadas por profundos diálogos entre homens e animais que interagem na Ilha de Terra Nova.

VII. Referências

AB’SABER, Aziz Nacib. *Ecosistemas do Brasil*. Marigo. São Paulo: Metalivro, 2008.

AB’SABER, Aziz Nacib. *Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

ALENCAR, Ulisses Rodrigues de. *Monguba (Pachira Aquatica Aublet): Estudo de Suas Frações e Aplicação de Suas Sementes no Processamento de Chocolates*. ff.106. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos da Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás, 2020.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de. *Pavoroso espetáculo: o culto ao Vesúvio no Rio de Janeiro oitocentista*. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/topoi/v18n36/2237-101X-topoi-18-36-490>>. Acesso em jan. 2021.

ARROYO-KALIN, Manuel. A domesticação na paisagem: os solos antropogênicos e o formativo na Amazônia. PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera. *In Arqueologia da Amazônia* (Org). Belém: MPEG, IPHAN, SECULT, 2010.

BENEVIDES, A. A. (2006). Etnoconhecimento como potencialidade para os negócios turísticos: Microanálise etnográfica da comunidade de Tatajuba, Camocim, Brasil. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, 20, pp. 121-127.

CARVAJAL, G. *Relación del nuevo descubrimiento del famoso Río Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana*. Transcrição de Oviedo y Medina, por Raúl Reyes y Reyes. Quito: Biblioteca Amazonas, v. I, 1941 [1542].

COSTA, Reinaldo; NUNEZ, Cecilia Verônica. *Cadeias produtivas & seus ambientes* (org.). Manaus: Editora INPA, 2017.

DIAS-JUNIOR. O.F.; CARVALHO, E.T. (2008): As estruturas de terra na Arqueologia do Acre *In Arqueologia da Amazônia Ocidental: os Geoglifos do Acre*. Schaan. D; Ranzi. A.; Pärssinen. M. (orgs.) – Belém EDUFPA; Rio Branco; Biblioteca da Floresta. pp. 45-56.

FRANZINELLI, Elena. *Características morfológicas da confluência dos rios Negro e Solimões* (Amazonas, Brasil). *Revista Brasileira de Geociências*, volume 41 (4), 2011.

FREITAS, Fábio de Oliveira. *O homem transformando paisagens – Um enfoque em tradições culturais indígenas*. *In Povos e Paisagens: Etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade* (Orgs.) ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ALVES, ÂNGELA, Giuseppe Chave; ARAÚJO, Thiago Antônio de Souza. Recife: NUPEA/UFRPE, 2007.

FARIAS, Kássia da Silva. *Principais políticas de fomento do turismo na Amazônia: análise dos primeiros planos de turismo da Amazônia (PTA I e II) e do PROECOTUR*. *Revista de Turismo Contemporâneo – RTC*, Natal, v.2, pp. 183-2015, jul./dez, 2014.

GUTERRES, Michelle, *et. al.* *Anatomia e Morfologia de Plantas Aquáticas da Amazônia utilizadas como potencial alimento do Peixe-boi Amazônico*. Singer. Belém: IDSM, 2008.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino de. Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife: Nupeea, 2012.

MEGGERS, Betty J. Amazônia: a ilusão de um paraíso. Tradução de LINHARES, Maria Yeda. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MORÁN, Emilio F. Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14.^a, revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NEIDE, Gondim. A invenção da Amazônia, 2.^a edição, Manaus: Editora Valer, 340 pp., 2007. (Série: Memórias da Amazônia).

PEREIRA, Henrique dos Santos; EGGLE, Danilo. Atlas Amazonas. O projeto Atlas ODS Amazonas tem o apoio da CAPES, do TCE/AM e da empresa *In Loco*. Disponível em: <<https://www.atlasodsamazonas.ufam.edu.br>>. Acesso em: abr. 2021.

PRESTES, Monica. Terra Preta de Índio: o legado de agricultura sustentável da Amazônia. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/mudanca-climatica-e-energia-pt-br>>. Acesso em: jan. 2021.

PODER LEGISLATIVO – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO AMAZONAS – LEI n.º 1828, de 30/12/1987. Disponível em: <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/1987/6279/6279_texto_integra>. Acesso em: jan. 2021.

PORRO, Antonio. As crônicas do rio Amazonas: notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. Ed. da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: EDUA, 2016.

RAMPANELLI, Ivandra *et al.* Conhecendo os Caminhos ou Trilhas dos Geoglifos Pré-Colombianos Sul-Amazônicos. Jamaxi, Ufac, v.1, n.º1, 2017.

REZENDE, Marília Gabriela Gondim. Terras, Florestas e Águas de Trabalho na Ilha do Careiro (Amazonas, Brasil): Território, Governança Isomórfica e Gestão Cibernética Camponesa. 213 ff. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PGCASA-Ufam, 2018.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de; LENCIONI, Sandra. Casas do Brasil: habitação ribeirinha na Amazônia, curadoria, curatorial. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2013. (Coleção Casas do Brasil; v.5).

SANTOS, Geraldo Mendes; FERREIRA, Efreim J. G; ZUANON, Jansen A. S. Peixes comerciais de Manaus: 2.^a ed. revisada – Manaus: INPA, 2009.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. (Org.) SILVA, Elisiane da; NEVES; Gervásio Rodrigo; MARTINS; Liana Bach. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SILVA, Carlos Augusto da Silva. *ÁREA DE INTERFACE CERAMISTA PRETÉRITA: A COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA JOSÉ ALBERTO NEVES*. 2016. 210 ff. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas – PGSCA-Ufam.

SILVA, C. A.; BRITO, A. K. R; FRAXE, T. J. P. Digitais do gênero feminino nas cerâmicas contemporâneas e possivelmente nas peças arqueológicas no Amazonas – Brasil *Revista Terceira Margem Amazônia*, v. 6, n.º 15, pp. 166-181, 2020.

SILVA, Rebeca Maciel. A Música do Beiradão nas Localidades da Costa de Terra Nova e Vila do Careiro, no Município do Careiro da Várzea, entre as décadas de 1960 e 1970. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br>>. Acesso em jan. 2022.

STENRBERG, Hiigard O'Reily. *A água e o homem na Várzea do Careiro*. 2.ª Ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

TUAN, Yi-Fu. *A perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas de águas e de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007 (série: Amazônia, a terra e o homem).

Capítulo III. As perspectivas das trilhas e paisagens para o turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas – Brasil

Resumo

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre as perspectivas das trilhas e das paisagens, no sentido de avaliar o potencial delas para o incentivo ao turismo sustentado na Ilha de Terra Nova, nas comunidades de São Francisco e São José, ambas localizadas ao norte da Ilha. Para seguir essa propositura, traçou-se o objetivo de identificar e inventariar tais monumentos, que são produzidos a cada estação de seca do rio pelos pescadores e pelos agricultores familiares. Para fazer a identificação e a quantificação deles, os parâmetros metodológicos utilizados se basearam no deslocamento até às comunidades em duas etapas: a primeira no período de seca; a segunda quando a cheia atinge seu ápice. Ao final, identificaram-se seis categorias de trilhas-paisagens, que são verdadeiros ecos-úteros, pois funcionam como grandes berçários de peixes, aves, etc. e são erguidas durante a estação de seca do rio. Além do mais, esses espaços são reutilizados ano após ano como acesso aos roçados, de onde são recolhidos os estoques de alimentos para os comunitários no tempo da cheia. Portanto as trilhas-paisagens podem ser utilizadas para o turismo sustentado, desde que haja amplos diálogos entre os comunitários e os poderes públicos e privados.

Palavras-chave: Trilha; paisagens; turismo sustentado; Ilha de Terra Nova.

Abstract

The purpose of this chapter is to discuss the perspectives of trails and landscapes, in order to assess their potential for a possible perspective for sustainable tourism on the Island of Terra Nova, in the communities of São Francisco and São José, both located to the northern sector of the island. To follow the proposal, the objective was traced to identify and inventory such monuments that are produced in each dry season of the river by the fishermen (the) family farmers. To make the identification and quantification, the methodological parameters that were traced were to carry out the displacement to the communities in two stages, the first in the dry period, the second when it reaches the peak of the flood. In the end, six categories of landscape trails were identified, which are true eco-wombs, as they function as large nurseries for fish, birds, etc., and are erected during the river's dry season. And in addition to being reused year after year of access to the swiddens from where food stocks are collected from the community during the flood season. And, the trails-landscapes can be used for sustainable tourism practices, as long as there is broad dialogue between community members and public and private authorities.

Key-words : Trail, landscapes, tourism, sustainable, in Terra Nova Island

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la, e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias. (Paulo Freire, 1921 – 1997).

I. Introdução

A Amazônia, pelas características geográficas da maior bacia hidrográfica do planeta Terra, tem os espaços/lugares cheios de labirintos, em que a água, a floresta e a terra funcionam como um grande coração cujas veias são as centenas e milhares de lagos, furos, paranás e rios que conduzem e trazem as vidas, do maior e do menor ser vivo, que manejam os ecossistemas de várzea e de terra firme. Conforme as palavras proferidas pelo educador Paulo Freire, que diz que o desafio é lutar, os povos da Amazônia pré-colombiana e contemporânea sempre foram desafiados pelos ecossistemas. Nesse sentido, na Ilha de Terra Nova é possível olhar, avaliar e perceber que os pescadores e os agricultores familiares sempre estão em movimento com as águas, seja para irem pescar, seja para se deslocarem à cidade de Manaus.

Estar na Ilha de Terra Nova no período da cheia significa visualizar as árvores parcialmente submersas; a água fica colorindo as hastes das árvores na floresta de igapó alagada; já nos lagos ficam as paisagens formadas por conjuntos de aningas (*Montrichardia linfera*), paralelamente às quais se encontra o arroz-de-pato (*Oriza latifolia*¹⁶), o capim denominado de morim (*Paspalum fasciculatum*). Esses conjuntos funcionam como uma cobertura ou guarda-sol, pois não deixam a água aquecer; é nesses lugares que ficam os jacarés, os quelônios, as aves que vão em busca de alimentos como marrecos, garças, jaburus; o pato-do-mato etc., pois, durante a cheia, são os berçários de camarão e outras espécies; são lugares altamente atraentes para animais e para os pescadores e os agricultores das comunidades de São Francisco e São José.

Este capítulo avalia a função das trilhas que são produzidas a cada estação de seca pelos comunitários supracitados. Nessa esteira, caminhou-se com o objetivo de vislumbrar perspectivas de paisagens para o turismo sustentado. Para identificar as trilhas, o plano metodológico foi realizado em duas etapas de campo: na primeira, fizeram-se os

¹⁶ Entrevista do Arqueológico Eduardo Góes Neves, na qual informou que o arroz, popularmente chamado de *arroz de pato-do-mato da Amazônia*, foi manejado nos últimos 4.000 anos a.C., no sítio arqueológico Monte Castelo, em RO. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1928243-arroz-foi-domesticado-ha-4000-anos-em-rondonia.shtml>>. Acesso em: julh.2022.

reconhecimentos das seis categorias de trilhas elaboradas no *capim-mori* ou por debaixo da floresta de igapó, na estação de seca do rio; já a segunda ocorreu no período da cheia.

E, por fim, evidenciou-se que as arquiteturas das trilhas são sustentadas, pois não há interferências significativas no meio ambiente; na verdade, os modelos são erguidos no período da seca do rio e no ápice da cheia, e as trilhas se fundem em uma só, isto é, os locais que são de produção de hortaliças ou de roçados assumem outra função, que é a de pescaria. Assim, se houver amplos diálogos entre os comunitários, as trilhas poderão em um futuro próximo tornar-se ambientes de visitas ou de práticas do turismo.

II. O turismo e as facetas sociais e ambientais na Amazônia

Antes de caminhar pelas trilhas, é necessário apoderar-se do conceito de *turismo*, “um turismo preocupado com o social e o ambiental” (FARIAS, 2014, p. 196). Nessa linha de raciocínio, o termo pode ser concebido na perspectiva epistemológica de forma que as trilhas abrangem o social, o cultural, o econômico e o ambiental. Em se tratando de território amazônico há uma palmeira de *jauari* robusta; isso porque a palmeira tem tanta imponência que, dependendo do ambiente, ou melhor, do ecossistema em que estiver, pode haver certas instabilidades. Por exemplo, em uma área de várzea; no caso, nas margens do rio Solimões-Amazonas, onde a força da água pela correnteza pode sufocar suas radículas, e a consequência é ser desprendida e ser levada pela água rio abaixo. Todavia o próprio ambiente cuida da estabilidade, já que são formados bancos de areia que inibem ou amortecem a correnteza da água. Nesse sentido, observa-se que o ambiente, sem a interferência humana, se auto-organiza. Contudo, quando a interferência ocorre pelo homem, que não faz parte do contexto ambiental ou do lugar (Tuan, 2013), é possível haver perturbações, pois não há o sentimento de pertencimento a ele, ou seja, ocorrem os impactos, que muitas vezes são irreversíveis ao meio social e ambiental, conforme na sequência se comentará.

III. Os aspectos sociais e ambientais

No que tange aos aspectos sociais, caso se vá elaborar uma linha de tempo, é possível fazer uma escavação arqueológica em livros clássicos, os quais trazem a literatura dos primeiros viajantes e cientistas que desceram ou subiram os rios da Amazônia, então o leitor identificará uma riquíssima formalidade dos povos, que haviam talvez desenvolvido práticas democráticas verdes que foram importantes para os registros dos viajantes que descreveram suntuosas características sociais e ambientais. Aqui, reporta-se para a primeira descrição do frei

dominicano que fez parte da primeira expedição de espanhóis, que desceram o rio “Marañón” (CARVAJAL, 2021, p.15); hoje, o rio Amazonas-Solimões para os brasileiros.

Logo que a expedição inicia a aventura de descer o rio, o diário de bordo do religioso começa a registrar descrições complexas devido ao fato de a expedição estar em um rio que até então era totalmente desconhecido do indivíduo europeu. Porém, à medida que a expedição rumava no sentido oeste-leste, os expedicionários iam se familiarizando com o ambiente do mundo das águas e das florestas. Já se haviam passando alguns dias, e o estoque de alimentos a bordo já apresentava sinais de que alguns itens não mais estariam disponíveis, então a alternativa foi buscar recursos proteicos junto aos povos indígenas, que até então estavam nas duas margens do rio. Sendo assim, o comandante da expedição lançou a alternativa de que os expedicionários realizassem contato com os povos em busca de alimentos:

Tal ânimo cobraram todos à vista do povoado, que olvidaram toda a fadiga passada, e os índios fugiram, deixando toda a comida que havia, o que não foi pouco reparo e amparo para nós. Antes que os companheiros comessem, embora tivessem muita necessidade, mandou o Capitão que percorressem toda a aldeia, para evitar que, estando recolhendo a comida e descansando, não caíssem sobre nós os índios e nos fizessem dano (CARVAJAL, 2021, p. 21)¹⁷.

Como se observa no registro do frei Gaspar de Carvajal, os povos indígenas estariam reunidos em atividades sociais. Como era pela parte da manhã, todos estavam reunidos possivelmente em uma edificação (centro social); e em seu entorno estavam os banquetes de peixes, caças, frutas etc., disponíveis aos convidados do evento social. No entanto havia a preocupação do comandante da expedição, pois eles eram invasores, ou seja, não foram convidados. E foi recolhido tudo o que estava disponível e foi transportado às embarcações. Essa descrição leva a crer que os povos já haviam desenvolvido sistemas de agroflorestas, em que as plantações eram cultivadas em torno das aldeias e em outros ambientes do território. E, como os expedicionários foram bem tratados pelos povos do lugar, a decisão do comandante da expedição, Francisco de Orellana, foi a de elaborar ferramentas para a construção de novas canoas, haja vista que as que estavam sendo usadas pelos expedicionários eram pequenas e não suportariam navegar no Oceano Atlântico. Desse modo, no registro consta que os expedicionários ficaram cerca de um mês nessa povoação, denominada de “Apária” (CARVAJAL, 2021, p. 25).

¹⁷ CARVAJAL, Gaspar de. Relação do Novo Descobrimento do famoso Grande Rio. In: CARVAJAL; ROJAS; ACUNÃ. Descobrimento do rio das Amazonas, Companhia Editora Nacional. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, 1941.

Toda a descrição menciona as possíveis grandezas produzidas, talvez de trabalhos eminentemente coletivos, como criadouros e currais de tartarugas, produtos como “biscoite” e frutas como o “abacate”, a cerâmica, as estruturas de embarque e desembarque nas margens do rio, os utensílios como as canoas, as aldeias com estradas para fazer as comunicações entre os povos das margens do rio e para os demais de áreas de interflúvios, ou seja, havia tecnologias sociais para estabilidade dos milhares de povos que estavam no rio Amazonas, antes da primeira viagem de indivíduos europeus. Essas informações podem ser verossímeis para as políticas públicas, pois a diversidade de espécies (da floresta e da fauna) que compõem o meio físico são importantes para manter o equilíbrio do ambiente.

Nessa linha temporal, vale a pena citar a viagem de Pedro Teixeira, de 1637–39, que fez o percurso no sentido leste-oeste, e vice-versa, no rio Amazonas, 95 anos depois da viagem de Francisco Orellana. Descreve com maestria o arsenal de relações sociais, culturais e toda a economia, fruto de habilidades dos povos. Uma das habilidades descritas é a de que, “Apesar de não lhes ser possível conservar muito tempo a carne, não faltam aos nativos habilidades no sentido de ter carne fresca de tartaruga durante todo o inverso, porque, [...] para isso, fazem alguns viveiros grandes, cercados de paus, de sorte que, como lagos de pouca profundidade, aparam sempre a água da chuva” (ACUÑA, 1994, p.79). Então essa tecnologia social pode ser uma das chaves para se compreender como os povos se serviram dos recursos, cujas devolutivas eram importantes para manter o equilíbrio destes. Também havia outras habilidades com o uso e com os cultivos de plantas, das quais retiravam óleos e madeiras – tudo produzido por ações ligadas às culturas ancestrais.

Seguindo ainda essa linha do tempo, no livro *Viagem na América Meridional – Descendo o Rio das Amazonas*, de 1754, o cientista de nacionalidade francesa Charles M. La Condamine dá também definições em relação aos produtos da floresta, como o óleo da andiroba (*Carapa guianensis*), que era utilizado como fonte de energia, mas o destaque entre os povos fica com o uso do látex da seringueira (*Hevea brasiliensis*):

A resina chamada “caucho” nos países da província de Quito vizinhos do mar é também comuníssima nas margens do Maranhão, e tem a mesma utilidade. Quando ela está fresca, dá-se-lhe com moldes a forma que se quer; ela é impenetrável à chuva, mas o que a torna digna de nota é a sua grande elasticidade. Fazem-se com elas garrafas que não são friáveis, e **botas**, e **bolas** (grifo nosso) ocas, que se achatam quando se apertam, mas que retornam a sua primitiva forma desde que livres. Os portugueses do Pará aprenderam com os omáguas a fazer com essa substância umas bombas ou seringas que não necessitam de pistão: têm a forma de peras ocas, com um pequeno buraco em uma das extremidades a que se adapta uma cânula. Enchem-se d’água, e, apertando-se quando estão cheias, fazem o efeito de uma seringa ordinária.

Tal utensílio é de grande emprego entre os omáguas. Quando eles se reúnem para alguma festa sua, o dono da casa não deixa de apresentar uma por polidez a cada convidado, e seu uso precede sempre entre eles as refeições de cerimônia (LA CONDAMINE, 2000, p. 72).

Essa assertiva ratifica que os povos estariam em patamares bem familiarizados com os recursos disponíveis no meio ambiente. Já que eles utilizavam a floresta como um bem cultural, social e econômico, havia uma rede de saberes que eram compartilhados por ancestralidades. Ainda é possível presenciar artefatos confeccionados do látex da seringueira em algumas comunidades no Amazonas. Esses saberes refletem a habilidade de utilizar com bastante precisão os recursos da floresta. Por exemplo, as figuras 12 e 13 são artefatos produzidas para atividades afins no seio dos comunitários.

Figuras 12 e 13. Botas produzidas artesanalmente por comunitários no município de Humaitá – Amazonas



Como se observa na literatura dos viajantes e cientistas, os povos haviam desenvolvido experimentos interessantes de como utilizar os recursos disponíveis, mas também ao mesmo tempo buscavam alternativas para melhor manter os estoques necessários às produções sociais e culturais. As figuras supracitadas talvez sejam documentos que ainda hoje constituam testemunhos das vozes dos povos da Amazônia. Dito isto, faz-se um breve registro dos preceitos em relação ao turismo, haja vista que os primeiros viajantes que desceram ou subiram o rio Amazonas praticaram o que se pode chamar de *turismo ambiental e social*.

III. I. Breve síntese do turismo na Amazônia

A geógrafa Bertha Becker (2006) comenta em relação à Amazônia no que diz respeito ao modelo econômico implantado na região durante o Período Colonial brasileiro, em que as investidas foram focadas na extração dos recursos existentes nos ecossistemas de várzea e terra firme, ou seja, o comércio predatório das “drogas dos sertões” (LEONARDI, 1999, p. 50). Esse modelo econômico de extração seguiu longa temporalidade, passando pelo Brasil Colônia, Império e República. O modelo foi danoso aos recursos naturais, tanto na fauna, quanto na flora e também para os povos, pois algumas etnias foram bruscamente extintas como os Manaós, Passes etc. Já no que diz respeito ao turismo, essa alternativa começou a ser cotejada a partir de 1960 – 1970, como a seguir se descreve.

Em 1960, iniciaram-se gradativamente as migrações das populações do campo para as áreas urbanas, e em 1964 ocorreram mudanças na política do Poder Público do Brasil, quando foi imposto o Regime Militar. Assim, saiu de cena a democracia, tendo sido introduzido o Regime Ditatorial. Foi no regime dos militares que surgiu o lema “Ocupar para não entregar” a Amazônia. Nesse ínterim, com base nesse dilema, foi instituída a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), cuja função era a de coordenar o desenvolvimento da região. Já no plano do desenvolvimento do turismo, foram instituídos planos como:

O I Plano de Turismo da Amazônia (PTA) foi lançado em 1977, com ações a serem implementadas de 1980 até 1985. Em 1992 foi divulgado o II PTA, que, a exemplo do anterior, seguia as tendências mundiais. Porém, neste caso, elas preconizavam um planejamento bem mais preocupado com o meio ambiente e com a sociedade e apontavam para a necessidade de valorizar e preservar o patrimônio natural e cultural da Região Amazônica. Paralelamente a isso, e após diversas tentativas de reorganização e estruturação de uma política de turismo no País, o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) fomentava, desde o final da década de 1960, o turismo no Brasil. E a partir da década de 1970 passou a primar pela interação homem/natureza, pautada nas discussões ambientalistas mundiais. No âmbito da EMBRATUR, em 1992, foi lançado o Plano Nacional de Turismo (PLANTUR). Após dois anos, em 1996, foi lançado o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), tendo como objetivo principal a descentralização política de turismo. Garantia-se, assim, uma maior participação dos municípios nas questões políticas de valorização dessa atividade (FARIAS, 2014, p.186).

Como se pode observar, mesmo com grande potencial à prática do turismo na Amazônia, a ausência de políticas sistêmicas causa a desorganização dessa atividade, já que a atuação do Estado brasileiro em relação a esse ramo ainda é incipiente. Em relação ao Estado do Amazonas, as políticas públicas vêm dialogando, e criaram-se as Unidades de Conservação nos municípios. E nelas estão ambientes propícios ao turismo, nos municípios das calhas do rio Negro, Amazonas-Solimões, Madeira, Japurá, Juruá etc. Em todos há uma diversidade de

paisagens. Se houver planejamento participativo entre o poder público e a sociedade civil organizada, poder-se-ão gerar políticas públicas sustentadas, de forma que se invista em escolas bilíngues, saneamento, transportes, saúde, lazer etc. e possa haver profundas mudanças na floresta, na água e na terra, o que daria fôlego para a conservação e a preservação das sociobiodiversidades. Na sequência, apresenta-se a sùmula da área de estudo, que é um distrito do município de Careiro da Várzea – Amazonas, o qual, por estar em área de várzea baixa (Fonseca, 2011), nas últimas décadas, tem ficado submerso, de forma que nas ruas da cidade são feitas plataformas de madeira sobre as ruas alagadas, como se vê nas figuras 14 e 15.

Figuras 14 e 15. Plataforma de madeira erguida para o acesso às residências e serviços públicos



Figura 14. Plataforma de madeira sobre as ruas da cidade de Careiro da Várzea para passagem de residentes e visitantes.

Foto. Ane Karoline Rosas Brito, jun.2022.

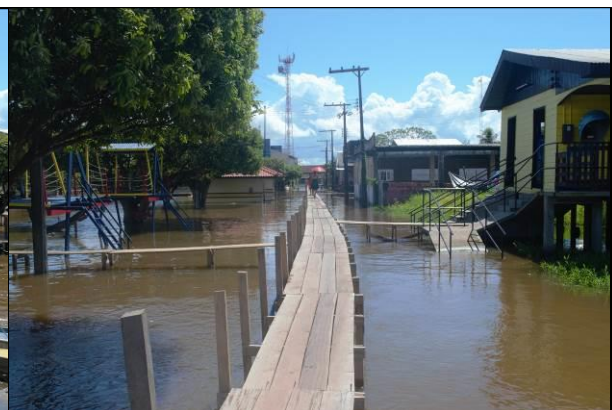


Figura 15. Praça, área de lazer, centro comercial, serviços públicos, oitizeiros alagados pelas águas do Amazonas-Solimões no mês de junho, ápice da cheia nos abraços dos rios.

Foto. Ane Karoline Rosas Brito.

IV. A área de estudo

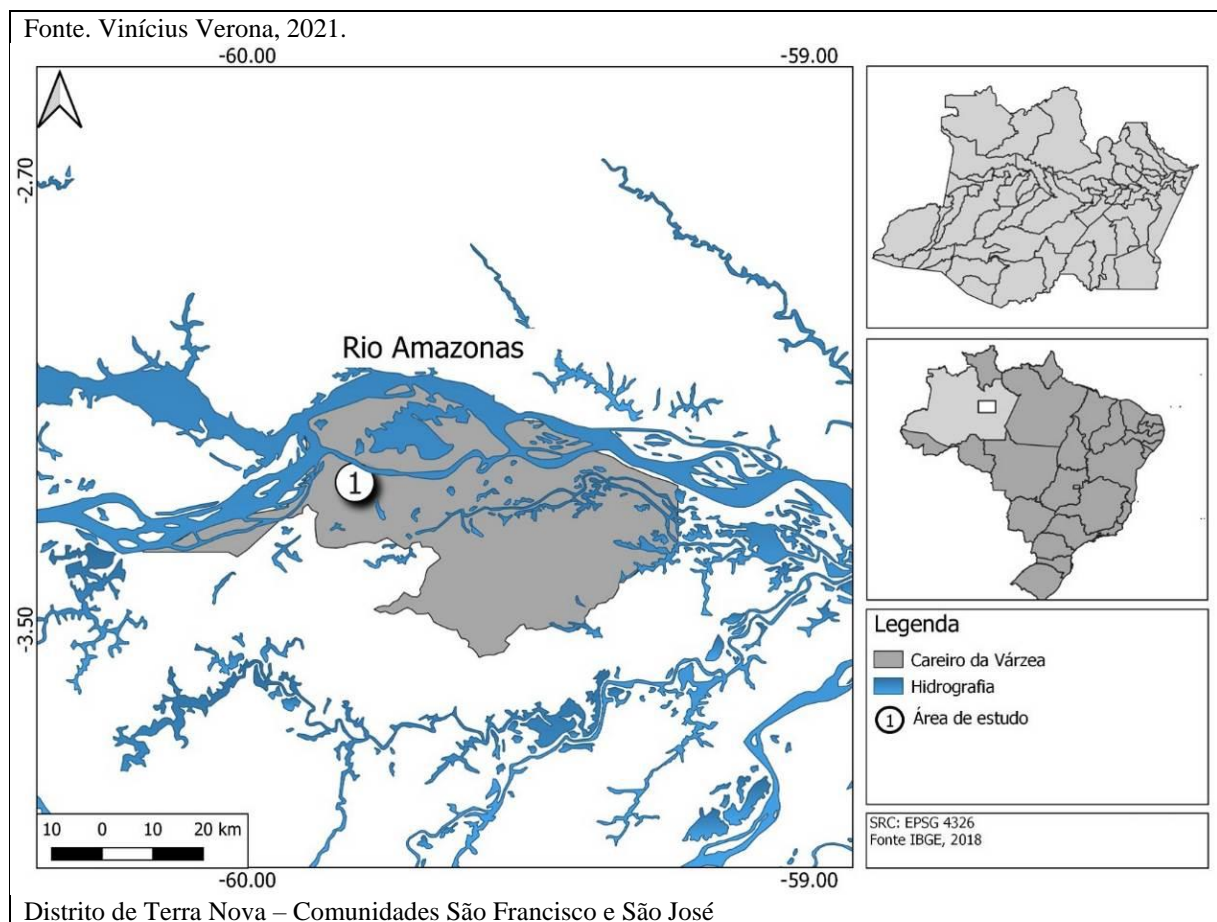
A escolha para realizar a pesquisa está propositalmente ligada às confluências dos maiores rios de águas brancas e negras na Bacia Amazônica¹⁸, assim uma das primeiras paisagens é constituída pelos abraços das águas dos rios, que são visivelmente magistrais. E também por haver uma tradição de pesquisa na Ilha, liderada por vários ramos da ciência,

¹⁸ “As nascentes do Solimões estão localizadas nos Andes; e o Rio Negro, afluente da margem esquerda do Solimões, provém do Escudo das Guianas. Ambos possuem vastas bacias com características diferentes a respeito do relevo, climas e tipos de rochas que definem a qualidade de suas águas e as cargas sólidas. Ambos percorrem centenas de quilômetros antes de se encontrarem” (FRANZINELLI, 2011, p.587).

inclusive um ramo da música, em que a pesquisadora fez um levantamento dos músicos autodidatas que brilhavam nas festas do local, que foi Rebeca Maciel Silva (2018).

A pesquisa se propõe a investigar as funções das paisagens, pois é sabido que uma paisagem pode até representar características ou governabilidade dos povos da Ilha, conforme Resende (2018)¹⁹, tanto no passado quanto no presente, pois nas paisagens há possíveis interferências de longos períodos. Na figura 15, está a representatividade do homem do campo²⁰ da Ilha de Terra Nova, na qual essa representação entrelaça o campo, os povos e as paisagens, mas, no tocante ao campo social, pode estar associada ao pensamento de Milton Santos (2011), que caracteriza o homem do campo brasileiro como sendo de certa forma invisível no que diz respeito aos direitos sociais e ambientais.

Mapa - 3. A área de pesquisa – Comunidades São Francisco e São José



¹⁹ “Nesse sentido, a governança, aqui trabalhada, será a rede de articulação política que se estabelece a partir da interação entre os sistemas simbólicos e sociopolíticos que originam o governo e concebem a governabilidade” (RESENDE, 2018, 181).

²⁰ “O homem do campo brasileiro, em sua grande maioria, está desarmado diante de uma economia cada vez mais modernizada, concentrada e desalmada, incapaz de se premunir contra as vacilações da natureza, de se armar para acompanhar os progressos técnicos e de se defender contra as oscilações dos preços externos e internos e a ganância dos intermediários” (SANTOS, 2011, p. 104).

Para o deslocamento para a área de pesquisa, só há uma possibilidade: a via hidroviária, haja vista que a Ilha está literalmente circunscrita de cercamento de água. Assim, para se chegar à área de pesquisa, deve-se utilizar os serviços dos canoieiros que ficam sediados no terminal de embarque e desembarque de veículos, na BR-319. Geralmente, dependendo do número de passageiros e da potência do motor para chegar à comunidade de São Francisco, que está na costa da Terra Nova, o intervalo é de cerca de 20 a 30 minutos. Já para chegar à cidade de Careiro da Várzea, é de 40 a 50 minutos. É nesses lugares que foram realizados os inventários das paisagens pré-colombianas e contemporâneas da Ilha de Terra Nova.

IV. I. Material e Método

Foram coletados dados em campo, nas estações de cheia e de seca da Ilha. No período de seca, realizou-se caminhamento nas áreas em que é praticado o processo de cultivo de hortaliças, roçados de manivas etc.; normalmente, seguem-se as trilhas dos agricultores familiares e dos pescadores e pescadoras. Já na cheia, fez-se o reconhecimento das áreas de cultivos e de pesca utilizando a canoa de madeira de três metros. Para os registros das paisagens, utilizou-se câmera digital e GPS. Tal metodologia se ajusta às palavras de (GOLDENBERG 2004, p.13): “A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”. Então, as palavras são importantes para o norte da pesquisa. Nesse sentido, os métodos vislumbrados foram o etnoconhecimento e a etnografia.

O etnoconhecimento geralmente é uma ferramenta dos pesquisadores da área da biologia, que em campo utilizam estratégias para compreender e até para participar de atividades produtivas ou culturais de comunidades em áreas rurais, ou seja, o método de buscar, de explorar os saberes que são constituídos pelo cotidiano familiar (Medeiros; Albuquerque, 2012). No *Manual de Etnobotânica: Plantas, Artefatos e Conhecimentos Indígenas*, Cabalzar *et al.* (2017) faz uma conexão bastante plausível quando fundamenta as interações das estruturas de ações naturais e antrópicas, em que descreve os saberes e os prazeres dos povos do Alto Rio Negro; no que tange aos saberes em relação aos diálogos entre a natureza e os povos, considera que os ecossistemas são organismos bibliotecários no anfiteatro do tempo, conforme o autor relata:

Estudos realizados com paisagens, plantas, peixes, agrobiodiversidade e lugares sagrados são amostras de que na bacia do rio Negro, e de modo mais geral, em toda a Amazônia, os ecossistemas e a biodiversidade são resultantes não somente da história geológica, natural, com suas variações locais de clima, solo, relevo, vegetação; mas também das relações econômicas, da estrutura social, da história de ocupação e manejo e, por sua vez, expressam a visão de mundo e cosmologia das populações humanas que aí se estabeleceram ao longo do tempo.

Quando miradas sob essa perspectiva, plantas, paisagens e ecossistemas do Rio Negro ganham novos contornos, diversificam-se, dinâmicas socioambientais são reveladas, assim como narrativas sobre a origem, evolução e convívio nessas paisagens. Como resultado, pode apontar para os princípios que resultaram no alto grau de sustentabilidade da ocupação humana na região, oferecendo inspirações e quadros conceituais mais elaborados acerca de meios apropriados de gestão integrada destes ecossistemas, para as atuais e futuras gerações (CABALZAR *et al.*, 2017, p. 24).

Desse modo, o diálogo científico e o etnoconhecimento são conexões importantes para caminhar em paisagens que foram tecidas ao longo de milênios por ações da natureza ou por meio de ações de saberes coletivos contemporâneos, que são aprendidos por meio de ações associativas entre o passado e presente, como as figuras 16 e 17 projetam os saberes artísticos e culturais.

Figuras 16 e 17. Paisagens produzidas por saberes ancestrais e conservadas e protegidas por pescadores e agricultores.



Figura 16. Paisagens compostas de florestas de igapó e área de pescaria, no período de cheia e seca do Igarapé “Canteirão”, na Ilha de Terra Nova. É nessa área que os pescadores capturam peixes, como acaribodó.

Foto. Carlo Augusto da Silva, set. 2020.



Figura 17. Nos meses de agosto e setembro, nos lagos que estão aos fundos das comunidades São Francisco e São José, os pescadores, agricultores e coletores de sementes utilizam-se das trilhas culturais no igapó.

Foto. Carlo Augusto da Silva, set. 2020.

Já a etnografia está ligada às ciências sociais, cuja função é descrever por meio de observação o modo de vida e o cultural de certa comunidade rural. Assim, nas ciências ambientais, segundo Morin (2010), deve-se observar o todo e as partes de determinado núcleo social e cultural. Desse modo, os dois métodos serão utilizados no sentido de responder ao problema de pesquisa, em que se busca investigar as funções das paisagens pré-colombianas e

contemporâneas da Ilha da Terra Nova. A pesquisa foi de cunho exploratório utilizando as ferramentas quantitativa e qualitativa.

IV.II. Do inventário paisagístico de trilhas de acesso aos lagos e roçados nas comunidades São José e São Francisco, na Ilha de Terra Nova

Na Ilha de Terra Nova, a interação com a água, com a floresta e com a terra é interessante, haja vista que, no período da subida das águas, que começa a partir do mês de novembro e se estende até o fim do mês de março, os comunitários de São Francisco e São José ficam literalmente sem pisar a terra; já na floresta e na água há a continuidade do modo vida dos moradores. No sentido de identificar as paisagens existentes nas comunidades, as quais são usadas pelos comunitários para terem acesso aos lagos para a prática de pescaria e para os roçados e a coleta de sementes, como estratégias foram realizados caminhamentos em áreas guiadas por quatro pescadores(as) e agricultores(as) familiares²¹ – duas mulheres e dois homens. As trilhas foram visitadas em duas etapas, sendo a primeira no período de seca do rio; e a segunda quando as trilhas estavam alagadas. Durante as etapas de caminhamentos, foram identificadas seis categorias²² de trilhas recicláveis como estão a seguir:

- a) Trilha utilizada pelos pescadores e agricultores no período da seca do rio, e o igapó torna-se uma paisagem em que o solo fica coberto pelas infinidades de folhas das árvores. A trilha geralmente é bastante sinuosa de forma que os pescadores e os agricultores seguem sempre a área em que a floresta apresenta altura média de 10 a 15 metros de altura e deixam nas sapopemas das árvores algumas informações como “a cheia do ano passado atingiu até aqui”; é dessa marca de onde são retiradas as cascas de árvores para tingirem as linhas para pescar sardinha e pacu. Quando a água começa a descer, as cascas das árvores ficam bem friáveis e com alto teor do corante cor-de-vinho-amarronzado. A trilha segue até ao lago, onde ficam as canoas para realizar as pescarias, em que são capturados os peixes como cari-bodó, tamuatá – essa trilha é usada por cerca de três meses durante a seca do rio.

²¹ “A mulher camponesa vive, em seu cotidiano, uma jornada de trabalho intensa: ela é mãe, doméstica, agricultora, pescadora e extratora. Apesar disso, sua participação social e política na comunidade, na maioria das vezes, é diminuta em relação à participação dos homens. Existem, inclusive, comunidades nas quais as mulheres não podem fazer parte do Conselho Comunitário. No momento da reunião, que geralmente ocorre aos domingos, após o culto religioso, as mulheres são gentilmente convidadas a se retirarem da sede comunitária por seus companheiros” (FRAXE, 2011, p. 91).

²² Na acepção de Diegues (2004), são características de relações entre as vidas, o homem e os animais, em que cada um tem a sua tarefa de contribuir com o ambiente.

- b) Trilha para chegar às áreas de cultivos, pois, devido ao fato de algumas áreas estarem afastadas das residências dos agricultores, as trilhas geralmente seguem paralelamente à floresta de igapó, e assim todo ano a trilha é renovada devido ao período da seca do rio, ficando encoberta de camadas de plantas daninhas e bastantes imbaúbas. Nas áreas de roçados, no final da trilha, há as madeiras mortas viradas pela força da água, que são utilizadas como fornos para torrar a farinha de mandioca, para assar peixes etc.
- c) Trilha de acesso ao rio Amazonas quando inicia a seca, após a qual a trilha pode chegar de trezentos a quinhentos metros, principalmente nas últimas décadas, com as secas que são classificadas pelos comunitários como “secas grandes”, ou seja, anormais ao habitual das memórias deles; é no final das trilhas que estão as canoas, que são utilizadas para atravessar o rio Amazonas e chegar até Manaus.
- d) Trilha onde são afogadas as mandiocas para a mistura da chamada “farinha d’água”. Geralmente, os comunitários utilizam as fontes d’águas, nas quais são feitas perfurações ou limpeza para a retirada de capins; no local é depositada a canoa que não serve mais para a pescaria ou para outras atividades do cotidiano dos comunitários. Assim, são depositadas as mandiocas na canoa, que fica parcialmente submersa; apenas os pavês ficam flutuando. Depois de duas semanas as mandiocas são retiradas em fases quando as cascas já estão se desprendendo, são colocadas em paneiros e conduzidas à casa de farinha.
- e) Trilha para coletar a argila para erguer as laterais do forno de torrar a farinha. O local onde é feita a coleta da argila fica próximo aos lagos. A trilha também tem dupla função, pois, quando a Ilha está alagada, é nesses locais que são coletados capins para alimentar os bovinos na “maromba”, mas também é utilizada para a pescaria.
- f) Trilha da época em que a alagação chega à Ilha, quando os comunitários erguem plataformas de madeira que funcionam como terminal de embarque e desembarque. Todos os comunitários fazem espécies de ruas suspensas, que é algo arquitetado para que as canoas não se choquem com as residências. Trata-se de uma engenharia de equilíbrio para se manter no espaço-lugar.

As etapas evidenciavam algo interessante nesse jogo de subida e de descida das águas, pois se percebeu que as trilhas são comportamentos socioambientais dos comunitários, nas quais há um painel do tempo, de forma que em que cada período há as trilhas confeccionadas em conformidade com as paisagens imprimidas pelas águas, podem ser um a teio para a prática do turismo sustentado.

V. Resultados e Discussões

As etapas de campo foram realizadas durante as estações de seca e de cheia do rio Amazonas-Solimões²³, na Ilha de Terra Nova, nas comunidades São Francisco e São José, alocadas nas coordenadas geográficas: **03°07'34.4''** – **059°52'55.2''**, no setor norte da Ilha. As comunidades apresentam modelos de uso dos ambientes ou dos locais onde são realizadas as atividades produtivas, tanto na pesca, quanto na agricultura familiar, durante o processo de sazonalidade, nas duas estações de seca e de cheia do rio.

As tarefas de inventariar as trilhas culturais especificamente em ambiente de várzea na Amazônia são simbólicas. Pierre Bourdieu (2011) informa serem os poderes que podem ser manifestados a partir de ações ou saberes. Assim o poder dos comunitários se manifesta, já que, durante a estação de seca, logo que é iniciado o processo de volta das águas, ou seja, há sinais de seca, quando ficam as marcas de cores escuras nas hastes das árvores, esses moradores já providenciam os preparativos para os cultivos de plantações que eles classificam de “cultura de seis meses”, porque é o período disponível para introduzir as sementes nos roçados, que geralmente ficam entre trezentos e quinhentos metros em linha reta afastados das residências, mas também em torno das residências são introduzidas sementes diversas por debaixo de árvores como mangueiras, castanhas sapucaias, ingás do igapó etc.

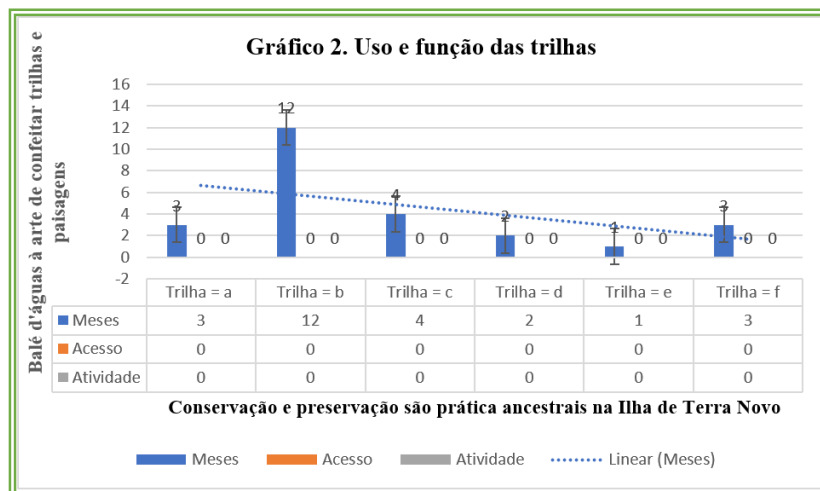
É durante a estação de seca que as trilhas são percorridas pelos pescadores e agricultores no sentido de realizarem os trabalhos de limpezas para o processo de introduzir no solo as sementes; tudo para aproveitar que o solo ainda se apresenta úmido, pois as camadas de folhas e de capins funcionam como um grande tapete que protege as áreas dos roçados deixando o solo com certa proteção. Os milhares de folhas e de fragmentos de madeiras e outros conduzidos

²³ Em 1773–74, o ouvidor Francisco Xavier de Ribeiro Sampaio em seu diário de viagem informa que, nessa região que engloba os atuais municípios de Autazes, Careiro da Várzea, Manaquiri, havia diversos povos Mura, Maués, Sorimão... E, em homenagem aos povos Sorimão, hoje parte do Rio Amazonas, a partir dos abraços dos rios Negro e Amazonas, é denominada pelos amazonenses de rio Solimões (Sampaio, 1824, p.14).

durante a subida das águas são importantes, pois, se não houver essas coberturas de resíduos orgânicos, o solo pode ficar com fissuras, o que pode prejudicar o desenvolvimento dos cultivos.

As trilhas que mais são utilizadas diariamente (*a, b, c, d e f*) dão acesso ao lago, ao roçado e ao rio Amazonas e atendem às demais demandas dos comunitários; e nelas são introduzidas ou cultivadas várias árvores, como palmeiras; tudo para a proteção, pois, a partir do mês de setembro, o sol está bem intenso, então as estratégias de introduzir árvores e palmeiras funcionam como um guarda-sol que protege tanto os caminhamentos quanto os próprios comunitários. Quando começa a subida das águas, os frutos das árvores e das palmeiras servem de alimentos para os peixes, além de concentrarem várias aves que utilizam as árvores nas trilhas para berçários e poleiros, ou seja, como ambientes de abrigo. Já a trilha (*e*) é geralmente utilizada em duas ou três oportunidades, pois, devido às mudanças oriundas das cheias do rio, as casas de farinhas ficam submersas, assim as paredes do forno são desmoronadas pela correnteza.

Quando o igapó e as áreas de roçados começam a ser inundadas, o que geralmente ocorre na segunda quinzena do mês de março, as trilhas culturais começam a se fundir, e a enchente as transforma em única trilha. Assim, são utilizadas as canoas para todas as atividades dos comunitários formando uma única paisagem, quando a cheia do rio faz uma espécie de distribuição dos milhares de sementes que flutuam no igapó. No gráfico 2, fez-se uma projeção das funções das trilhas para o equilíbrio das paisagens na Ilha de Terra Nova, especificamente nas comunidades onde foi realizado o estudo.



Dados em campo. Procedimentos ecológicos gestados pelos pescadores e agricultores. Elaboração. Ane Karoline Rosas Brito, 2022.

As trilhas confeccionadas a partir dos costumes dos(das) pescadores(as) e agricultores(as) das comunidades do distrito de Careiro da Várzea talvez remontem a milênios, pois, em 1542, quando a expedição de Francisco Orellana passou nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro, o frei Gaspar de Carvajal (2021) narrou haver várias aldeias em todas as margens do rio da ilha. E também registrou que em algumas aldeias havia trilhas abertas no sentido da margem do rio ao centro da floresta. Então esses estilos e tratamentos dados às trilhas para atividades produtivas são puras arquiteturas erguidas em áreas de várzea, parte na terra, parte sobre a água – uma tradição talvez de milênios.

As seis categorias de trilhas identificadas são, na verdade, experimentos que são realizados em cada estação da sazonalidade. No tempo da seca elas têm funções de contribuir para amenizar a temperatura ambiente, o que teoricamente traz proteção aos cultivos das chamadas agriculturas de seis meses da várzea. Já no tempo da cheia são literalmente utilizadas para os berçários de reprodução de peixes, de aves etc. Assim, a percepção que se avalia é que as trilhas funcionam como ecos-úteros, pois todos recorrem aos ambientes, os quais no período da seca do rio foram preparados para a reprodução de vidas. Por fim, as trilhas podem ser utilizadas nas duas estações para a prática do turismo sustentado, desde que haja amplos diálogos entre os comunitários e os poderes governamentais constituídos.

VI. Considerações finais

Na Amazônia, talvez devido à movimentação ou ao deslocamento dos povos, sempre há marcas deixadas, ou na floresta, ou na água ou na terra, e os comunitários geralmente classificam esses caminhos no igapó que leva de um lugar a outro. A ilha de Terra Nova está separada apenas pelos abraços dos rios Amazonas-Solimões e negro, isto é, na margem direita está a cidade de Manaus; e na margem direita estão as comunidades que foram os objetos de estudo.

Nelas fica a história ambiental de como realizar os manejos sem, contudo, levar à exaustão dos recursos. A história ambiental (Leonardi, 1999) está contemplada pelos francos diálogos que pescadores e agricultores têm com o ambiente, pois, a cada momento das mudanças nas paisagens, isso faz que sempre as trilhas sejam reelaboradas conforme a seca ou a cheia dos rios, ou seja, estão sempre em processo de reconstruções, as quais são, na verdade, o arsenal de mudas de plantas domesticadas e semidomesticadas; por exemplo, são as árvores de goiabas, de jenipapo e de outros frutos que são introduzidas no período da seca.

Então esses saberes são uma espécie de motor que compõe os conjuntos de trilhas que prestam serviços no plural. As seis categorias de trilhas identificadas são, na verdade, algumas que há na ilha, mas há outras que não foram visitadas, haja vista que a área que foi estudada foram apenas quinhentos metros de frente por setecentos de fundo; nesse perímetro há uma história ambiental interessante de como são mantidas as trilhas sem, contudo, gerar impactos irreversíveis aos ecossistemas, como se pode verificar na figura 18.

Figura 18. Frutos de jenipapo cultivado paralelamente à trilha



Figura 8. Frutos de jenipapo (*Genipa americana*) dispersos na trilha.
Foto. Ane Karoline Rosas Brito, set.2021

Diversos frutos são dispersos na trilha, a qual, quando começa a alagar, os frutos que não foram decompostos são conduzidos pela correnteza e distribuídos nas águas ou dispersam sementes em boa parte do igapó. E, após dois ou três anos, as sementes que germinaram começam a aflorar e a produzir frutos, assim as funções das trilhas prestam serviços inestimáveis para a manutenção das paisagens em áreas alagadas nos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro.

VII. Referências

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 15.^a Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; MEDEIROS, Maria Franco Trindade. Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife: Nupeea, 2012.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. Estudos Avançados, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/54s4tSXRLqzF3KgB7qRTWdg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: abr.2022.

CARVAJAL, Frei Gaspar de. Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado marañón. Trad. UGART, Auxiliomar Silva. Manaus: Editora Valer, 2021.

CABALZAR, Aloisio, *et al.* (Org.) Manual de etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2017.

FARIAS, Kássia Suelen da Silva. Principais políticas de fomento do turismo na Amazônia: análise dos primeiros planos de turismo da Amazônia (PTA I e II) e do PROECOTUR. Revista de Turismo Contemporâneo – RTC, Natal, 2014.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. O Mito Moderno da Natureza Intocada. Ed. 4.^a São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2004.

FRANZINELLI, Elena. Características morfológicas da confluência dos rios Negro e Solimões (Amazonas, Brasil). Revista Brasileira de Geociências, volume 41 (4), 2011.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de, 1701-1774. Viagem na América Meridional – Descendo o Rio das Amazonas. Brasília: Senado Federal, 2000. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros).

LEONARDI, Victor. Os Historiadores e os Rios: natureza na Amazônia Brasileira. Brasília: Paralelo 15, Editora da Universidade de Brasília, 1999.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14.^a, revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

REZENDE, Marília Gabriela Gondim. Terras, Florestas e Águas de Trabalho na Ilha do Careiro (Amazonas, Brasil): Território, Governança Isomórfica e Gestão Cibernética Camponesa. 213 fl. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia -PGCASA-Ufam, 2018.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. (Org.) SILVA, Elisiane da; NEVES; Gervásio Rodrigo; MARTINS; Liana Bach. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SILVA, Rebeca Maciel. A Música do Beiradão nas Localidades da Costa de Terra Nova e Vila do Careiro, no Município do Careiro da Várzea, entre as décadas de 1960 e 1970. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br>>. Acesso em jan. 2022.

THEREZINHA, Jesus Pinto. Homens Anfíbios. Etnografia de um Campesinato das Águas, 2.^a ed.: São Paulo: ANNABLUME. Comunicação, 2011.

TUAN, Yi-Fu. A perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

Considerações Finais Gerais

O bojo da pesquisa consistiu no etnoconhecimento de paisagens em níveis pré-colombianos e contemporâneos, de forma que se buscou contextualizar o saber dos pescadores, dos agricultores familiares de como as paisagens tanto em nível físico quanto cultural são importantes para a manutenção social. As paisagens gestadas pelo meio físico são aquelas que são formadas pelos capins-mori, arroz de pato-do-mato, murerus etc.; e as centenas de milhares de flores e folhas despejadas nos meses de fevereiro a abril. São essas coberturas que são importantes e necessárias para que os pescadores, as pescadoras, as aves, os primatas, os peixes etc. convivam nesses ambientes coloridos sendo os berçários de novas vidas; já em relação às paisagens que são dos manejos dos pescadores, das pescadoras e dos demais membros das comunidades, seguem a mesma simetria realizada pelas paisagens geradas pelo meio físico.

As paisagens de formação de solo de terra preta em área de várzea são algo que sedimenta as diversidades de plantas oriundas dos manejos realizados pelos povos pré-colombianos, como é, por exemplo, o caiaué (*Elaeis oleífera* (H.B.K) Cortés), que é típico de área de terra firme, mas geralmente os sítios arqueológicos sofreram alteração em vários aspectos; no caso da área do “Canteirão”, na comunidade São Francisco, foi elevado o nível em relação ao rio; talvez seja isso que tenha contribuído para que as plantas cultivadas há milhares de anos sejam revigoradas a cada estação das águas. Assim as paisagens, compostas do solo de terra preta, podem ser uma experiência do passado da Ilha; e atualmente os agricultores continuam com as práticas ancestrais, pois é na área do sítio que é germinada uma série de sementes quando inicia a seca do rio.

Por fim, as categorias de paisagens, que foram quatro – cada uma com a sua especialidade –, contribuem nos aspectos econômicos, sociais, culturais etc., e as trilhas são formalidades contributivas, cuja propositura é a manutenção ambiental, social e cultural. Nesse jogo de subida e de descida das águas, os comunitários são gestados pelo tempo de fazer as residências, proteger as criações de ataque de serpentes, proteger os veículos motorizados; e as únicas maneiras de caminhar nas comunidades são os artefatos de canoas, de madeiras ou de alumínio, que são as condutoras dos comunitários, impulsionadas, motorizadas ou por remos.

Assim, na Ilha de Terra Nova, até o solo de terra preta erguido nos últimos dois mil anos, quando a água chega, é banhado com cheiros das flores do *capitari*, ou seja, todos os elementos são erguidos pela batuta; e as orquestras são os cantos dos coró-corós, dos marrecos, das garças

etc. Assim, essas características identificadas na Ilha podem ser instrumentos do turismo sustentado, tão importante para novas roupagens para abrilhantar os saberes dos povos da Ilha de Terra Nova. Espera-se que outros trabalhos sejam realizados no sentido de tomar novas diretrizes quando se trata de paisagens que são ecossistemas importantes para conservação e preservação ambiental e cultural na Ilha de Terra Nova, cujo zelo nasce de pescadores, de pescadoras, de agricultores e de agricultoras, “da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculo no mínimo fará coisas admiráveis” (José de Alencar 1829 – 1877).